



Universidade de Brasília
Instituto de Ciências Humanas
Departamento de Geografia

**A IMPLANTAÇÃO DO FRIGORÍFICO BERTIN NO
MUNICÍPIO DE MOZARLÂNDIA-GO:
Uma análise da nova realidade socioeconômica e ambiental
local.**

MARIA ELEUZA F. DE LIMA FERREIRA

Brasília ó DF
2014



Universidade de Brasília
Instituto de Ciências Humanas
Departamento de Geografia

**A IMPLANTAÇÃO DO FRIGORÍFICO BERTIN NO MUNICÍPIO DE
MOZARLÂNDIA-GO:**

Uma análise da nova realidade socioeconômica e ambiental local.

Maria Eleuza Ferraz de Lima Ferreira

Monografia submetida ao Departamento de Geografia da Universidade de Brasília, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do Grau de Licenciatura em Geografia, área de concentração Gestão Ambiental e Territorial, e Geografia Econômica.

Aprovado por:

Selma Lúcia de Moura Gonzales, Prof. Trabalho final UNB
(Orientador)

Nome do Examinador Interno, Titulação (Instituição)
(Examinador Interno)

Nome do Examinador Externo, Titulação (Instituição)
(Examinador Externo)

Brasília ó DF

2014

Dedico este trabalho a minha família.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a **Deus**, ser único, supremo onipotente, onisciente e onipresente. Que me concedeu a oportunidade de chegar até onde cheguei.

E a minha **Família**, a qual sempre me apoiou.

õQuando tudo parecer difícil. Pergunte a
Jesus se foi fácil morrer na cruz por
você.

Autor desconhecido

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo principal abordar as transformações espaciais, econômicas e ambientais, que ocorreram após a implantação do frigorífico Bertin no município de Mozarlândia, localizada na região conhecida como estrada do boi a Micro Região de São Miguel do Araguaia. Esse trabalho dá também um enfoque a pecuária que se desenvolveu na região e no município. Através de um estudo teórico da ocupação territorial do Brasil. Tanto no Brasil como no Estado de Goiás, a pecuária foi a responsável pela fixação do homem no solo e também pelo re-povoamento do território goiano. Em Mozarlândia a pecuária permitiu o desenvolvimento da economia local, como também a instalação do Frigorífico Bertin no ano 2000. Essa instalação, por sua vez provocou profundas transformações espaciais, sociais e principalmente econômicas. Através da pesquisa qualitativa, análise bibliográfica e de dados coletados no decorrer da pesquisa, será questionado se o frigorífico Bertin implantado em Mozarlândia cumpre com seu papel social, econômico e ambiental. Ao final da pesquisa foi analisados as mudanças tanto positivas e negativas advindas ao município após a instalação frigorífica.

Palavras-Chaves: Pecuária. Frigorífico Bertin. Mozarlândia.

ABSTRACT

This work aims to address the spatial, economic and environmental changes that occurred after the implementation of Bertin in Mozarlândia municipality, located in the area considered the heart of cattle farming in the state of Goiás, Micro Region of São Miguel Araguaia. This work also gives a focus to cattle that developed in the region and the municipality. Through theoretical study of territorial occupation of Brazil. Both in Brazil and in the State of Goiás ranching was responsible for setting the man on the ground and also the re-peopling of Goiás. In Mozarlândia livestock allowed the development of the local economy, as well as the installation of Fridge Bertin in 2000. This facility, in turn provoked deep space, especially social and economic transformations. Through qualitative research, literature review and data collected to run the search will be questioned if Bertin deployed in Mozarlândia meets their social, economic and environmental role. At the end of the survey was analyzed both the positive and negative changes brought to the city after the refrigerating installation.

Key Words: Cattle. Bertin. Mozarlândia.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Foto 1: Gado da raça pé-duro, crioulo ou curraleiro, primeira espécie trazida ao Brasil.....	23
Desenho 1: Engenho de açúcar do Brasil colonial.....	26
Desenho 2: Sociedade do açúcar.....	27
Desenho 3: O gado como força de tração nos engenhos para a busca da cana-de-açúcar	28
Foto 2: O gado sendo utilizado no moinho de cana-de-açúcar.....	29
Desenho 4: O gado sendo utilizado no moinho do engenho para extração do melaço	30
Mapa 1: Caminho dos currais de São Francisco (utilizado para levar as primeiras boiadas para Goiás).....	43
Foto 3: Vista aérea do centro de Mozarlândia	52
Foto 4: Centro da cidade de Mozarlândia.....	58
Foto 5: Comércio central de Mozarlândia	58
Foto 6: Comércio central com destaque o Banco do Brasil	58
Foto 7: Vista aérea do centro de Mozarlândia	58
Mapa 2: Aeroportos e aeródromos do Estado de Goiás (Mapa apresenta a Cidade de Mozarlândia e aeródromo concedido ao município após a instalação frigorífica).....	62
Foto 8: Chaminé do Frigorífico	67
Foto 9: Córrego da Fogueira.....	70

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Zonas de povoamento formadas após a descoberta do ouro em Goiás	38
Tabela 2: Evolução populacional de Goiás (1849 -1900).....	42
Tabela 3: Estado de Goiás_ Principais Rebanhos e produção de leite 2000, 2005-10 (cabeças)	46
Tabela 4: Evolução populacional de Mozarlândia.....	54
Tabela 5: Índice de Desenvolvimento Humano ó Municipal, 1991 e 2000 Alguns municípios do Estado de Goiás	56
Tabela 6: Quantidade de estabelecimentos que existiam e que passaram a existir após implantação do frigorifico	60

LISTA DE SIGLAS

AGDRF	- Agência Goiana de Desenvolvimento Rural e Fundiário
AGETUR	- Agência Goiana de Turismo
CDs	- Centros de Distribuição
COMIGO	- Cooperativa Mista de Produtos do Sudoeste Goiano
CONAMA	- Conselho Nacional de Meio Ambiente
CSI	- Certificado Sanitário Internacional
CTRC	- Concessionária Terminal Rodoviário de Campinas
CTRCG	- Concessionária Terminal Rodoviário de Campo Grande
DCV	- Demonstrativo da Cobertura Vegetal
DOF	- Documento de Origem Florestal
DRB	- Demonstrativo da Receita Bruta
EPIs	- Equipamentos de proteção individual
ETE	- Estação de Tratamento de Efluentes
EUA	- Estados Unidos da América
FCO	- Fundo Constitucional do Centro-Oeste
FPM	- Fundo de Participação dos Municípios
GT	- Guia de Trânsito
IBAMA	- Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Renováveis
IBGE	- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDH	- Índice de Desenvolvimento Humano

MAPA	- Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento
ME	- Mercado Externo
MI	- Mercado Interno
MRE	- Material de Risco Específico
PCHs -	- Pequenas Centrais Hidrelétricas
PEA	- População Economicamente Ativa
PIB	- Produto Interno Bruto
PRODUZIR	- Programa de Desenvolvimento Industrial do Estado
SEPIN	- Superintendência de Estatística, Pesquisa e Informação
SEPLAN	- Secretaria de Estado de Planejamento e Desenvolvimento Econômico
SIE	- Serviço de Inspeção Estadual
SIF	- Serviço de Inspeção Federal
SIN	- Sistema Integrado Nacional
SUDAM	- Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia
SUDECO	- Superintendência de Desenvolvimento do Centro-Oeste
UE	- União Européia

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
PROBLEMATIZAÇÃO	15
OBJETIVOS:	
OBJETIVO GERAL	17
OBJETIVOS ESPECIFICOS	17
HIPÓTESES	17
JUSTIFICATIVA	18
1 A GÊNESE E DESENVOLVIMENTO DA PECUÁRIA NO TERRITÓRIO BRASILEIRO	19
1.1 O ÍNICIO DA OCUPAÇÃO TERRITÓRIAL E ECONOMICA DO BRASIL	21
1.2 A SEMENTE DA PECUÁRIA NO BRASIL COLONIAL.....	21
1.3 AS PRIMEIRAS ZONAS DE CRIAÇÃO BOVINA	24
1.4 AS PRIMEIRAS ECONOMIAS BRASILEIRAS E A PECUÁRIA	25
1.4.1 A pecuária e a economia açucareira	25
1.4.2 A pecuária e a economia aurífera	31
2 O DESENVOLVIMENTO DA PECUÁRIA EM GOIÁS E SUAS MELHORIAS NO ÂMBITO DA MODERNIDADE	35
2.1. O FORTALECIMENTO DA PECUÁRIA GOIANA APÓS A DECADÊNCIA AURÍFERA	41
2.2 A MODERNIZAÇÃO DA PECUÁRIA	46
2.2.1 As melhorias na pecuária de corte Brasileira	48

3 AS TRANSFORMAÇÕES OCORRIDAS NO MUNICÍPIO DE MOZARLÂNDIA ÁPOS A IMPLANTAÇÃO DO FRIGORÍFICO BERTIN	53
3.1 OS ASPECTOS FÍSICOS	53
3.2 OS ASPECTOS DEMOGRÁFICOS	54
3.3 OS ASPECTOS ECONÔMICOS	55
3.4 A URBANIZAÇÃO NA CIDADE DE MOZARLÂNDIA	57
3.5 AS CONSEQUÊNCIAS ADVINDAS DA IMPLANTAÇÃO DO FRIGORÍFICO BERTIN.	58
3.6 UMA NOVA REALIDADE SÓCIO-ECONÔMICA EM MOZARLÂNDIA	59
3.7 O IMPACTO AMBIENTAL DO FRIGORÍFICO BERTIN EM MOZARLÂNDIA	66
ANÁLISE DE DADOS COLETADOS	71
CONSIDERAÇÕES FINAIS	73
REFERÊNCIAS	77
ANEXOS	80

ANEXO A - Imagens do frigorífico Bertin ó unidade de Mozarlândia.

ANEXO B - Roteiros das entrevistas realizadas com a gerência do frigorífico Bertin, com lideranças locais e com moradores do município de Mozarlândia.

ANEXO C - Certificado ISO 9001:2000 de produção e comercialização de carne bovina do frigorífico Bertin.

ANEXO D - Entrevista realizada pelo Globo Rural com os gerentes do frigorífico Bertin de Mozarlândia-GO e do confinamento na Fazenda Planura de Aruanã-GO.

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem por finalidade descrever e analisar os problemas sociais, econômicos e ambientais, em decorrência da implantação do frigorífico Bertin no município de Mozarlândia.

É abordado nesta pesquisa presença da pecuária em paralelo a outras economias, que antecedeu o momento que ele foi confirmada como atividade de primeira importância no território. Dessa forma, tem todo um conhecimento do momento que essa atividade inicia-se no território brasileiro e seu desenvolvimento no decorrer do tempo. Discussões como o chegada das primeiras cabeças de gado no território, as primeiras zonas pastoris que surgiram e sua relação com as demais atividades econômicas surgem ao longo desse capítulo.

Na segunda parte dessa pesquisa, é mostrado o desenvolvimento da pecuária no Estado de Goiás, como essa atividade arrastou o homem para os sertões do território goiano ainda não ocupados. Abordando desde o início da formação econômica e territorial de Goiás, ou seja, desde o começo das atividades auríferas no século XVII, até o momento em que essa se confirma em território goiano ao lado da agricultura. Nesse capítulo é abordado também a modernização da pecuária, momento em que são inseridas melhorias nesse processo, que permitem o desenvolvimento dos rebanhos.

Na terceira parte é feito um estudo do município de Mozarlândia, do frigorífico Bertin e das transformações que esse causou. Esse capítulo possui três momentos importantes. Em um momento abordam-se o município de Mozarlândia, suas características principais, ao longo da história, abordando seus aspectos geográficos. Em um segundo momento é feito um estudo a respeito do Grupo Bertin, suas principais empresas, entre elas a unidade frigorífica de carnes que se instalou no município de Mozarlândia. A ênfase Central nesse momento é para a unidade local. Em um último momento como foco central dessa pesquisa chega-se as transformações que essa indústria causou no município em questão, desde aspectos financeiros e econômicos, aspectos sociais e aspectos ambientais.

No Brasil a pecuária surgiu como uma atividade modesta, onde sua finalidade era apenas o sustento dos colonos. O que não ocorreu de modo diferente no território goiano, a criação de gado fornecia alimento aos arraiais exploradores de ouro. Somente

na decadência do período do ouro, é que a pecuária se firmou ao lado da agricultura como uma atividade econômica rentável, sendo responsável inclusive pelo não despovoamento das cidades que haviam surgido em decorrência da exploração do ouro.

Mozarlândia surgiu em 1963. Era uma cidadezinha pacata e modesta até o fim do primeiro semestre de 1999, ano em que se iniciou a construção do frigorífico Bertin.

Mozarlândia se viu então diante de um crescimento, demográfico e econômico, do qual não estava preparada. Afinal, a pequena cidade teria que comportar agora todos os trabalhadores, do que seria por seis anos consecutivos o Maior frigorífico da América Latina.

Esse súbito crescimento teve consequências positivas e negativas. Uma vez que com o grande número de habitantes se fez necessário a instalação de agências bancárias, lojas, bares, supermercados, além de impulsionar o mercado imobiliário.

Esse trabalho iniciou-se com pesquisas bibliográficas direcionadas ao assunto, pois utilizando das obras de diversos autores de renomado conhecimento e saber, adquiriu-se assim um maior e melhor entendimento a respeito do assunto em questão.

O conteúdo desse trabalho são as transformações sociais, econômicas e ambientais em decorrência da implantação de uma indústria no município de Mozarlândia, pois hoje no país é necessário dar mais atenção a essas questões, uma vez que elas são determinantes para a sociedade em geral.

Portanto, espera-se que com esse trabalho possa contribuir de algum modo para formular novas reflexões, sejam elas críticas ou não, de forma que um seja pensado um melhor planejamento para o crescimento e desenvolvimento da cidade, ponderando as questões sociais e ambientais, considerado que os recursos naturais são uma condição indispensável para garantir o futuro. E que políticas públicas sejam aplicadas de maneira a garantir mudanças sociais e econômicas que não interfiram na qualidade de vida do cidadão.

○ **PROBLEMATIZAÇÃO**

O desenvolvimento da pecuária por sua vez, já possui um histórico de fixação do homem a terra. Durante o período colonial foi responsável pela não desocupação dos arraiais que surgiram em virtude da mineração. O gado que era utilizado somente para

alimento da família no auxílio de atividades domésticas, agora se tornava fonte de renda.

Quando se deu a implantação do Frigorífico Bertin, Mozarlândia não estava preparada para tamanha explosão populacional que se deu. Pessoas em busca de melhores condições de vida abandonaram o campo, ou suas cidades, e emigraram para tentar a sorte nesta cidade do interior do Estado de Goiás.

O Frigorífico Bertin não trouxe somente um rápido crescimento populacional, mas também crescimento econômico, o que diretamente impulsionou o mercado local. Com a abertura de novos comércios e o surgimento de novos prestadores de serviço.

Nessa pesquisa não apenas se conhecerá a unidade de Mozarlândia do frigorífico mais o grupo Bertin como um todo. Tal indústria que além de trazer ao município e também a região benefícios econômicos, trouxe problemas que estão associados ao intenso fluxo de migrantes que vieram a Mozarlândia e ao desenvolvimento extensivo da pecuária. E para tal alguns questionamentos se fazem necessários.

- Quais foram às mudanças que o Frigorífico Bertin trouxe a cidade de Mozarlândia?
- Tais mudanças contribuíram para melhorias sociais, econômicas e ambientais?
- As mudanças advindas da instalação do Frigorífico trouxeram apenas melhorias, ou também provocaram problemas sociais e econômicos, devido ao intenso fluxo de migrantes em busca de trabalho?
- Quais foram os impactos gerados pelo desenvolvimento da pecuária extensiva?

○ OBJETIVOS

Objetivo Geral

- Analisar as transformações espaciais, econômicas e ambientais, que ocorreram após a implantação do Frigorífico Bertin no município de Mozarlândia, Microregião de São Miguel do Araguaia, Estado de Goiás, a partir do ano 2000.

Objetivos Específicos

- Compreender os impactos sociais e econômicos advindos ao Município em decorrência à instalação do frigorífico Bertin;
- Descrever o contexto vivido pela cidade anterior a instalação do frigorífico;
- Compreender o porquê das instalações Frigoríficas terem sido instaladas em local estratégico;
- Analisar o impacto ambiental gerado em Mozarlândia devido à instalação do Frigorífico Bertin;

HIPÓTESES

Diante da proposta algumas hipóteses foram levantadas:

- Após a instalação do Frigorífico Bertin, Mozarlândia sofreu profundas transformações econômicas (surgimento de novas oportunidades de emprego), e sociais (refletida no crescimento populacional devido a migração).
- Essas transformações permitiram a instalação de novas empresas e até agências bancárias;
- O crescimento sem preparo não trouxe apenas benefícios a cidade: Poluição dos lagos e nascentes próximas a área urbana, alta taxa de criminalidade, desvalorização de algumas formas de trabalho;

- O grande crescimento populacional associado ao não planejamento, além do uso de grandes áreas rurais para pecuária extensiva, permitiram a destruição de áreas verdes para a abertura de espaços para urbanização e áreas de mata natural para criação de pastos.

JUSTIFICATIVA

Mozarlândia porta desde o ano 2000 o Frigorífico Bertin, que se tornou a partir de sua instalação o maior Frigorífico da América Latina até o ano de 2006, tornando a cidade um ponto de referência em exportação de carne.

Esta pesquisa se propôs contribuir para a compreensão da nova espacialidade da cidade. A importância da pesquisa também se dá como fonte de pesquisa a futuros projetos, que tenham como objeto, a geografia urbana, ou econômica, ou ainda que envolvam a Pecuária, o Frigorífico Bertin ou até mesmo a Cidade de Mozarlândia.

CAPÍTULO 1_A GÊNESE E O DESENVOLVIMENTO DA PECUÁRIA NO TERRITÓRIO BRASILEIRO

Entende-se por pecuária, a domesticação bem como a criação de gado para fins lucrativos, um dos segmentos da agropecuária. Segmento este que o Brasil é líder mundial. A pecuária brasileira representa hoje, cerca de 15% dos bovinos em escala mundial, o que representa cerca de 153 milhões de cabeças de gado. (GOIÁS. 2008).

Esses números se devem a adoção de novas técnicas de manejo e produção. O uso de tecnologias em diversos setores da produção agropecuária permitiu não só um aumento na produção, como também na qualidade do produto. O Brasil é hoje o maior exportador de carne bovina em volume do mundo. Chegando a exportar o volume de 2,2 milhões de toneladas. Porém este avanço não significou melhoria para os produtores. Pois o Brasil produz carne de baixa qualidade e ainda se utiliza de grandes extensões de terras produtivas para uma baixa produção de rebanho. O que rende ao Brasil somente 10% do total da carne consumida. (GOIÁS. 2008).

A pecuária surgiu no Brasil em momentos em que o país ainda era uma colônia de exploração. O País constituiu-se no período das grandes descobertas marítimas uma colônia de exploração, onde suas riquezas e organização interna se voltavam para atender as demandas externas, sendo assim, tudo que era produzido ou retirado dos solos do território brasileiro era em benefício da coroa portuguesa. Inicialmente esse processo explorador teve como base o trabalho escravo, utilizando inicialmente os índios nativos do litoral brasileiro e posteriormente os negros trazidos do continente africano.

O Brasil constituiu-se no período das grandes descobertas marítimas uma colônia de exploração, onde suas riquezas e organização interna se voltavam para atender as demandas externas, sendo assim, tudo que era produzido ou retirado dos solos do território brasileiro era em benefício da coroa portuguesa. Inicialmente esse processo explorador teve como base o trabalho escravo, utilizando inicialmente os índios nativos do litoral brasileiro e posteriormente os negros trazidos do continente africano.

A respeito da economia na colônia, Rodrigues (2006, p. 01) afirma que: "A economia era estruturada objetivando somente a transferência de lucros para Portugal e

sua base se assentava na exportação, monocultura e trabalho escravo. O mercado interno na colônia era praticamente inexistente.

As primeiras formas de exploração adotadas por Portugal se baseavam nas economias monocultoras, onde a maior atenção de toda a colônia estava voltada para um produto principal, dedicando para o cultivo grandes esforços e os melhores solos do território brasileiro. Tal produto tinha tanta importância que passou a ser chamado por diversos pesquisadores de *produto-rei* (em cada fase, período da economia se destacava um produto. Produto-rei era a própria dinâmica colonial, os ciclos colônias). Dos solos brasileiros os europeus retiraram grandes quantidades de mercadorias que enriqueciam o velho mundo e depredava os recursos da colônia.

A pecuária brasileira tem suas origens vinculadas à colonização portuguesa. Foi nesse período de explorações realizadas em solo brasileiro, da cana-de-açúcar e, principalmente, da mineração que ela foi surgindo nas regiões periféricas. Por muito tempo ela permaneceu como uma economia secundária que ganhou gradativamente consideração e importância após a decadência aurífera.

Foi à pecuária após a decadência econômica do engenho açucareiro e da mineração que não permitiu a desocupação total de várias áreas brasileiras já habitadas em função dessas economias. Foi também graças ao seu desenvolvimento que foram sendo ocupados os espaços vagos do interior do Brasil por serem considerados *hostis* ao desenvolvimento de outras economias. Essa atividade econômica esteve presente desde as primeiras explorações portuguesas em solo brasileiro.

A pecuária brasileira nasceu com a colonização, aos poucos foi possibilitando a conquista dos territórios e o mais importante consolidou o povoamento de regiões em que as monoculturas ainda não haviam conseguido fixar o homem. A respeito da ocupação de territórios *hostis*, Andrade (1974, p.103) fala que a criação arrasta o homem para os sertões áspers, difíceis, distantes, e preludia a lavoura, que virá mais tarde com os caminhos a densidade humana, as relações que se estabeleceram entre o litoral e os sertões.

O gado criado no Brasil teve grande importância durante o período colonial, ele esteve presente durante as atividades mineiras e açucareiras colaborando nos afazeres e também na alimentação das vilas, povoados e cidades que se formaram no litoral da colônia. A respeito da importância do gado na alimentação no período colonial, Prado Junior (1994, p. 186) assim descreve: *“A carne tem importante papel na alimentação da colônia.”*

Torna-se necessário frisar aqui, que embora a pecuária tenha sido considerada uma atividade secundária no território brasileiro durante todo o processo de colonização, no entanto, foi ela de fundamental importância para o povoamento territorial, principalmente do interior.

Dessa forma é necessário fazer um apanhado dos fatos, uma viagem histórico-geográfica ao início da colonização portuguesa no Brasil e buscar as raízes que vão configurar a pecuária na nova colônia de exploração portuguesa. E aqui mostrar a sua importância nos processos de ocupação territorial e econômicos do país.

1.1_O INÍCIO DA OCUPAÇÃO TERRITORIAL E ECONÔMICA DO BRASIL

A colonização portuguesa na América e, conseqüentemente no Brasil, pode ser considerada como uma expansão capitalista do início da Idade Moderna, onde se utilizou a política mercantilista como meio para a acumulação capitalista na Europa.

A colonização das terras brasileiras é marcada pela formação de um sistema mercantilista implantado pelos europeus, em especial pelos portugueses, aproveitando-se das riquezas inicialmente encontradas nos solos. Todas as riquezas inicialmente encontradas no Brasil eram enviadas para a metrópole, ou seja, para Portugal.

Nos primeiros anos após o descobrimento, os portugueses observaram que na recém descoberta colônia ainda não se praticava as atividades pastoris, nem mesmo outras atividades de criações. Os nativos do país desconheciam tais atividades criatórias. Foi necessária, dessa forma, a organização por parte de Portugal para trazer à colônia os primeiros rebanhos, em especial o gado, animal que seria de muita utilidade nos afazeres e na alimentação dos exploradores e colonizadores portugueses que se fixaram na colônia.

1.2_A SEMENTE PECUÁRIA NO BRASIL-COLONIAL

A criação bovina começa com a colonização desempenhando papel secundário na economia, abastecendo vilas e cidades do litoral. Mas, antes de se iniciar as atividades pastoris como a criação de gado para a subsistência, foi necessário trazer o

gado e outros rebanhos para o Brasil - colônia. Os rebanhos ainda não eram conhecidos nessa parte do mundo.

Em geral, não possuía o continente Americano os animais domésticos que hoje o enriquecem e povoam. Não existiam, nem mesmo em estado selvagem. Em sua famosa carta de 1º de maio de 1500, Pero Vaz de Caminha documenta a situação encontrada, registrando com espanto a inexistência, à primeira vista, de lavoura e de criação: ôeles não lavram, nem criam, nem há aqui nem vaca, nem cabra, nem ovelha, nem galinha, nem uma outra animália que acostuma seja ao viver dos homensö. (AMARAL, apud ANDRADE, 1974, p.98).

O autor acima confirma a inexistência tanto do gado quanto de outros animais que seriam necessários para a sobrevivência alimentar na colônia. Para sancionar o problema, Portugal buscou o gado e outros animais os quais seriam utilizados no Brasil - colônia de diversas partes. Pode-se dizer que o gado chegou ao Brasil juntamente com as primeiras expedições colonizadoras, foram sucessivas tentativas de trazer o gado do Velho Mundo.

Não existiam bovinos nas Américas, em tempos pré-colombianos. O gado criado no Brasil até o final do terceiro quartel do século XIX foi trazido das ilhas portuguesas da costa ocidental da África ó Madeiras, Açores, Cabo Verde - ou do próprio continente, isto é, de Portugal, e aqui se reproduziu à lei da natureza. Assim teve origem o nosso gado chamado ôpé-duro, crioulo ou curraleiroö, pequeno, magro e de chifres enormes. (VALVERDE, 1985, p.194).

Nascia com a colonização a pecuária. Como diz o autor, as primeiras cabeças de gado trazidas para o Brasil tinham características bem diferenciadas das atuais criações mais comuns, além de condições naturais desfavoráveis para uma melhor qualidade. A raça de gado pioneira no Brasil foi o curraleiro (pé-duro), mostrado na (Foto 01). Também pode se destacar que eram raros os exemplos de domesticação na fauna e na terra recém descoberta.



Foto 01: Gado da raça pé-duro, crioulo ou curraleiro, primeira espécie trazida para o Brasil.

Fonte: http://paginadebatalha.com.br/noticias_detalhes.asp?Cod=748.

Quanto aos processos de criação, esses eram extremamente primitivos. O gado praticamente foi criado solto à natureza desenvolvendo-se segundo a dinâmica da região que se encontrava. Como as terras ainda não eram cuidadas de forma a garantir um desenvolvimento propício desse animal, as primeiras cabeças de gado desenvolveram-se de forma insatisfatória, caracterizando o Gado da raça pé-duro como um animal de pequeno porte, magro e com chifres enormes, que ganhou nomes e pseudônimos nas terras brasileiras conforme mencionado acima por Orlando Valverde.

Nesse momento não se fazia referência a raça, no sentido em que hoje é empregada essa palavra. O gado desembarcado no Brasil simplesmente foi trazido para essa região, sem muito interesse por parte dos colonos para com suas características. Sua utilidade se reduzia apenas a produção de leite e carne para o sustento dos colonos. Não se via fins lucrativos na sua criação. O gado também era utilizado como força motriz nos engenhos açucareiros e nos transportes pesados. De certa forma, em cada economia que se firmava ou se declinava, a pecuária passava despercebida como uma economia secundária de subsistência. A pecuária se fortaleceu para que no momento certo, após a decadência aurífera viesse a tornar-se a economia primária da colônia, responsável pela ocupação do interior do país.

1.3_AS PRIMEIRAS ZONAS DE CRIAÇÃO BOVINA

No Período colonial, as primeiras cabeças de gado a penetrar na colônia portuguesa partir de três pontos distintos e desenvolveu-se também em três zonas diferentes. A respeito desse comentário, Valverde (1985, p.195) afirma que:

A dispersão do gado no território brasileiro foi feita a partir de três pontos: Bahia e Pernambuco, no Nordeste, e São Vicente na costa paulista. Até meados do século XIX, constituíram-se no Brasil três zonas de criação principal: o Sertão do Nordeste, o sul de Minas Gerais; as planícies e planaltos do Sul.

Nesse período de expansão pastoril, surgem os primeiros núcleos de criação e povoamento, são importados os primeiros animais e estabelecidos os primeiros contatos. Andrade (1974, p.101) fala da existência de três núcleos distintos:

- a) O NÚCLEO DE SÃO VISENTE, iniciado em 1534, constituiu-se de diversas castas de gado procedentes de cabo verde, introduzidas por dona Ana Pimentel, consorte e procuradora de donatário da Capitania, Martin Afonso de Sousa.
- b) O NÚCLEO PERNAMBUCANO logo se formou no ano seguinte com reprodutores também oriundos da matriz anterior, levados por Duarte Coelho. Esse núcleo juntamente com o da Bahia integram os recursos multiplicados das fontes nordestinas.
- c) O NÚCLEO BAIANO se constituiu a partir de 1549 pela iniciativa de Tomé de Souza, com reprodutores procedentes do Cabo Verde. Um pouco mais tarde, fez vir, da mesma procedência, os primeiro casais de ovinos, caprinos, suínos, equinos e asininos.

A partir desses núcleos de entrada dos bovinos, os rebanhos no Brasil foram se dispersando rapidamente, passaram a constituir três zonas de criação que se distinguiram, não só pela sua localização, como também pelo sistema criatório adotado por cada uma delas, tornando-as nítidas entre si por suas características e métodos de criação. Em suas obras, tanto Caio Prado Junior, quanto Orlando Valverde, afirma que essas zonas de criação formaram-se nos Sertões do Nordeste, no sul de Minas Gerais e nas planícies e planaltos do Sul.

1.4_A PRIMEIRAS ECONOMIAS E A PECUÁRIA

O Brasil vivenciou vários períodos econômicos ao longo da sua história e da sua formação territorial, em um momento em que a nação era considerada uma simples colônia de exploração. Esses períodos propiciaram transformações espaciais ao longo dos anos coloniais no território brasileiro. Assim como nos dias atuais em que o investimento em uma economia focalizada causa diversas transformações, no Brasil Colonial isso não foi diferente os momentos de exploração são responsáveis por sucessivas mudanças sociais, populacionais, políticas e culturais dentro da sociedade brasileira.

Durante os vários períodos econômicos, ou economias de transição, o gado bovino esteve presente nas atividades da então colônia portuguesa, exercendo desde papéis secundários nas diferentes formas de exploração e, até mesmo, sendo essa a principal forma econômica de exploração através da pecuária.

O gado trazido inicialmente para o Brasil foi um simples complemento na alimentação dos colonos que se firmaram na colônia, fornecendo para esses a carne e o leite. O gado também era utilizado como força motriz nos engenhos açucareiros e nos transportes pesados. De certa forma, em cada economia que se firmava ou se declinava, a pecuária passava despercebida como uma economia secundária de subsistência. A pecuária se fortaleceu para que no momento certo, após a decadência aurífera viesse a tornar-se a economia primária da colônia, responsável pela ocupação do interior do país,

1.4.1 A pecuária e a economia açucareira

A pecuária teve grande importância no Brasil colônia. Inicialmente, ao se trazer o gado para a colônia, se fez isso como o objetivo de auxiliar na alimentação dos portugueses que se encontravam residindo nas encostas do litoral. Após a decadência, ou declínio da exploração do pau-brasil, a pecuária se associou ao cultivo da cana-de-açúcar junto ao litoral brasileiro, caracterizando-se uma atividade de subsistência que apenas assessorava a produção dos canaviais.

Mesmo com as inúmeras dificuldades, como a falta de dinheiros nos cofres portugueses para a manutenção dos engenhos, o refinamento e o transporte, os engenhos açucareiros venceram as dificuldades, confirmando o açúcar como o principal produto

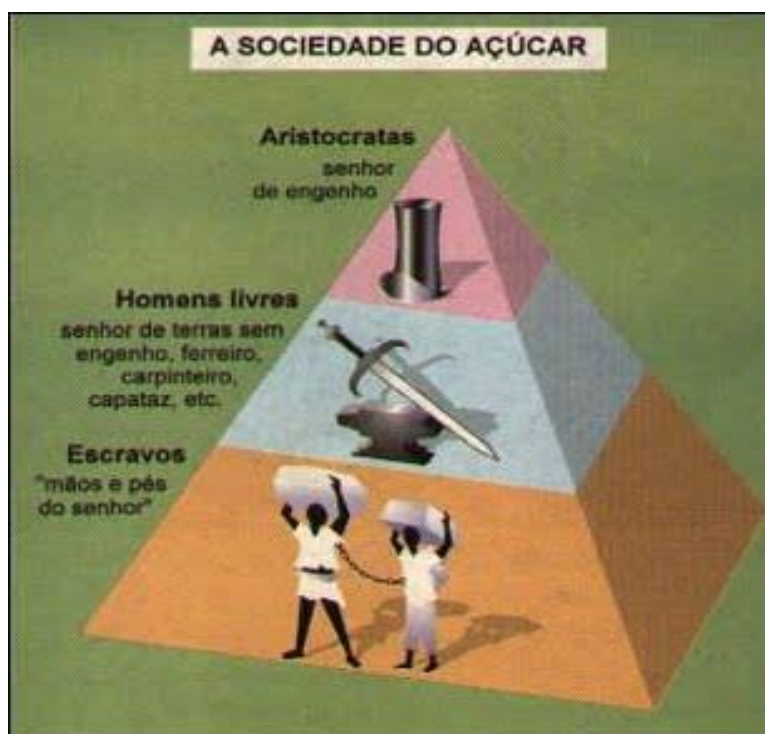
brasileiro. Logo a seguir pode-se ver o (desenho 1), que mostra um engenho de açúcar do Brasil colonial. Foi o açúcar a base de sustentação da economia e da colonização do Brasil, entre os séculos XVI e XVII.



Desenho 1: Engenho de açúcar do Brasil colonial

Fonte: <http://www.brasilecola.com/upload/e/Engenho%20-%20BRESOLA.jpg>.

A sociedade açucareira era formada por dois grupos distintos: (desenho 2). O primeiro era formado pelos senhores do engenho, ou plantadores independentes de cana-de-açúcar conhecidos como os proprietários de terras e escravos. O segundo era composto pelos escravos, sendo esse o maior grupo. Havia ainda os homens livres, esses eram os senhores de terra sem engenho, os ferreiros, carpinteiros e capatazes.



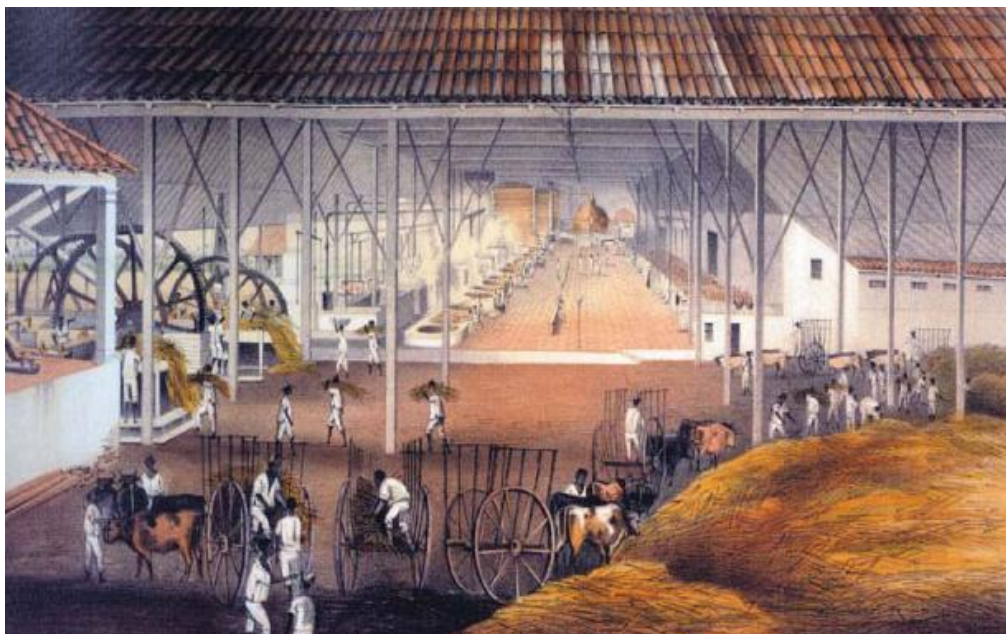
Desenho 2: Sociedade do açúcar

Fonte: <http://evaldolima.blogspot.com/2008/01/privatizaram-sua-vida-seu-trabalho-sua.html>

A cultura da cana de açúcar propiciava aos donatários de terras a ocupação das mesmas, pois povoados se formavam em torno dos engenhos. Ao lado do canavial, nascia à agricultura de subsistência, para atender a crescente necessidade de alimentos para a casa grande, a senzala e a pequena parcela de assalariados livres.

O engenho de açúcar possuía como divisões a Casa grande, Senzala, Casa de moenda, Casa de purgar e a Capela. Montado sobre a estrutura do Plantation: Monocultura, latifundiária, voltada para exportação usando-se de mão de obra escrava.

E nesse momento, que a pecuária ganha uma propulsão maior do que durante o período do Pau Brasil. Pode-se dizer que a atividade pastoril nessa época estava diretamente vinculada ao quintalão da propriedade agrícola; o senhor do engenho além de cuidar das plantações de cana-de-açúcar, era também o dono e o responsável pela criação das cabeças de gado, que inicialmente ocorreu dentro do próprio engenho. Pode-se considerar tal colocação observando o (desenho 3), logo a seguir.



Desenho 3: O gado como força de tração nos engenhos para a busca da cana-de-açúcar

Fonte: <http://evaldolima.blogspot.com/2008/01/.html>.

Pode-se assim dizer, que foram necessárias para a sobrevivência dos engenhos, as atividades complementares, como a agricultura e a pecuária. Essas atividades se concentravam longe dos centros urbanos, eram compreendidas como as bases de sustentação da econômica açucareira.

A criação de gado nos engenhos açucareiros se dava devido às necessidades alimentares dos agricultores e, também, por que o gado era utilizado como força motriz no processo de extração do melaço, a partir da cana-de-açúcar e também no transporte. Era na moenda, onde a cana-de-açúcar era moída, conforme pode ser observado na (foto 2), logo a seguir.



Foto 2: O gado sendo utilizado no moinho de cana-de-açúcar
Fonte: <http://historiadebarreiras.com/wp-content/uploads/2008/03/moinho.jpg>.

O caldo corria da moenda para os tachos por meio de calhas. Dos tachos, o caldo era retirado em vasilhas de cobre e levado para a caldeira, onde era fervido e mexido pelos escravos, que tiravam as impurezas e a espuma. O trabalho escravo no engenho e o gado podem ser observados no (desenho 4), logo abaixo.



Desenho 4: O gado sendo utilizado no moinho do engenho para extração do melaço
Fonte: <http://rs6.loc.gov/intldl/brhtml/images/sucre.jpg>.

A medida que os engenhos foram progredindo, os rebanhos também foram crescendo. Convém afirmar que a carne bovina e o leite também fornecido pelo gado configuravam na dieta nos canaviais.

Mais do que fornecer carne e leite ao engenho açucareiro, a criação de gado favoreceu o nascimento de uma verdadeira indústria de couro, em fins do século XVI e durante todo o século XVII. Nesse momento o couro era usado para diversos fins. A respeito de sua utilidade assim e descrita:

A porta das cabanas, o rude leito aplicado ao chão duro... De couro todas as cordas, o mocó ou alforje para levar comida, a arca para guardar roupa, a mochila para o cavalo, a peia para prendê-lo em viagem, as bainhas das facas. Para os açudes, o material de aterro era levado em couros puxados por juntas de boi, que calcavam a terra com seu peso. Em couro pisava-se o tabaco para o nariz.(ABREU, 2000, p. 153).

Devido à grande produção de couro o Brasil, nesse momento, poderia ser considerado como o país do couro. Praticamente tudo era confeccionado a partir dessa matéria-prima animal.

A expansão da economia açucareira faz com que os rebanhos desse animal cresçam desproporcionalmente. A devastação das florestas do litoral brasileiro, que se

iniciou com a retirada do pau-brasil e com a economia açucareira, obrigava os senhores de engenho a buscarem a lenha necessária para a caldeira cada vez mais longe. Isso gerou um aumento dos rebanhos e com isso tornou-se necessário a separação da criação de gado e do engenho.

A criação de gado afastou-se do litoral brasileiro, ocupando terras mais para o interior do país, ou seja, o gado foi remanejado para fora das unidades produtoras de açúcar. A decisão de separar o gado dos engenhos veio também do governo português, pois esses animais invadiam as plantações e causavam muitos transtornos.

Tal separação contribui para que houvesse a adoção de práticas extensivas por parte de uma ou de outra. Sobre essa separação da pecuária e agricultura Valverde (1985, p. 194) comenta:

Desde o final do século XVI foi proibida a criação de gado até 10 léguas da costa, salvo na ilha de Joanes (atual Marajó) e nos Campos dos Goitacases (no atual Estado do Rio de Janeiro). Essa medida legal foi prenhe de consequências, das quais a mais importante foi a separação econômica e espacial da agricultura e da pecuária, fazendo com que uma ou outra adotassem obrigatoriamente praticas extensivas.

Portanto, durante a economia açucareira o gado caracterizava-se como uma criação doméstica restrita a economia fechada da cana-de-açúcar, ou de algumas outras feitorias, quase sem nenhuma outra expressão comercial para a época.

A atividade canavieira desenvolveu-se, principalmente, no Nordeste da colônia, em consequência à pecuária também surge nessa região concentrando-se em terras do interior. Durante dois séculos o açúcar foi a o produto base da economia brasileira, no século XVII acabou o monopólio do açúcar e alterou-se o quadro político-econômico na colônia.

1.4.2_A pecuária e a economia aurífera

Quando o Brasil foi descoberto, o grande interesse português estava na possível existência de metais preciosos na nova colônia. Enquanto esses tão sonhados minérios não afloravam no solo, a coroa portuguesa decidiu por explorações agrícolas em solo brasileiro, produzindo-se no país diversos produtos:

[...] o Brasil até o século XVII, produzia pau-brasil, açúcar, fumo, algodão e outros produtos tropicais que eram exportados por intermédio da metrópole, importando da mesma vinho, azeite, e produtos manufaturados portugueses ou importados de Portugal. (CHAIM, 1987, p. 19)

Foi somente no final do século XVI que apareceram as primeiras lavras de ouro, prata e outros metais, em pequenas quantidades na capitania de São Vicente. As minas que foram se formando no território brasileiro, propiciaram um povoamento rápido de partes do território até o momento ainda não habitado, além de favorecerem a formação e a intensificação do comércio de artigos de subsistência.

As minas constituíam locais exclusivos para a produção de ouro, sendo que não deveriam desviar esforços na produção de outros bens, pois esses poderiam ser facilmente importados das demais capitanias. Dessa forma vale ressaltar que a mineração favoreceu o comércio interno dentro do país, uma vez que buscavam em outras regiões os bens alimentares que se necessitava. Dentro das minas, a maioria do trabalho era realizado por mão-de-obra escrava.

Para a exploração das jazidas encontradas vieram mineradores de diferentes condições e recursos, mesmo ocupando a posição de um simples faiscador, esse em pouco tempo poderia chegar a ser um grande empresário, conforme afirma Palacín (2008, p.72):

A economia mineradora não só trouxe a ideia, bem como a realidade da riqueza fácil. Em menos de 20 anos, regiões desconhecidas estavam povoadas, cortadas por trilzeiros pelos quais entravam e saíam gêneros comerciais desenvolvendo-se, em alguns aspectos uma sociedade diferente da sociedade tradicional brasileira tradicional.

A euforia do ouro também trouxe para as minas pessoas de todas as partes do território nacional, passaram a ver na economia mineradora uma forma de enriquecimento rápido o que ainda não haviam alcançado com a agricultura até então praticada por eles.

Milhares de pessoas abandonaram a velha região da cana-de-açúcar e dos engenhos para disputar um lugar nas lavras auríferas. Por todo o Brasil, ecoou a notícia da descoberta de ouro e, em toda parte, o sistema demográfico sofreu profundas convulsões, em virtude da corrida para as minas. (CHAIM, 1987, p. 26)

Segundo o autor, a sede do ouro fez com que muitos deixassem suas terras para ir às minas em busca de um rápido enriquecimento financeiro. Portanto, pode-se afirmar que a mineração intensificou o crescimento da população brasileira, uma vez que trouxe novos colonos ao território e provocou a imigração populacional entre as regiões.

A respeito da formação populacional, é importante comentar que dentro desses arraiais havia pessoas com as mais diferentes características, segundo Chaim (1987, p. 26), a mistura é de toda a condição de pessoas; homens e mulheres, moços e velhos, pobres e ricos, nobres e plebeus, seculares, clérigos e religiosos de diversos institutos. Sem dúvida, esse fato contribuiu para a formação étnica e social. Todas essas pessoas eram movidas e motivadas pelo sonho da rápida prosperidade financeira.

Conforme foi dito anteriormente, na época da cana-de-açúcar existiam praticamente só duas classes sociais: o senhor e o escravo. Porém, o ouro criou uma terceira classe intermediária. Essa era formada por pequenos mineradores, artesãos, comerciantes, intelectuais e funcionários da administração. As pessoas que vieram à colônia em busca de enriquecimento rápido possuíam diversas diferenças, eram ricos, pobres, nobres e plebeus, negros e brancos, escravos e índios.

O ouro dá início a um intenso povoamento dos territórios ainda não ocupados na colônia portuguesa. Essas regiões passam a ter intenso consumo, sendo necessária assim a intensificação da agricultura e da pecuária, que segundo Chaim (1987, p. 19), o consumo das regiões mineradoras provocou o aumento das áreas de cultura, a multiplicidade dos rebanhos de gado bovino, suíno e muar, bem como o desenvolvimento das manufaturas.

Até a decadência aurífera, toda a atividade girou em torno das minas de ouro por mais de meio século. Segundo Chaim (1987, p.20), o período de apogeu do ouro correspondeu aos anos de 1726 a 1735. Na cidade de Vila Boa (atual Cidade de Goiás), o ano de 1753 marcou o ponto mais alto da produção aurífera e, a partir do ano de 1778, a decadência da mineração se processou sem nenhum descobrimento de uma nova mina.

Nesse momento de escassez a imigração cessara imediatamente, a maioria dos arraiais formados foi desaparecendo, resistindo apenas alguns.

Os arraiais mais prósperos resistiram ao esvaziamento do ouro pelo esforço da população, das autoridades e dos escravos. Tal qual a mineração, a produção das lavouras de subsistência, o pequeno comércio e as vias de ligação de uma formação à outra teimosamente resistiram à adversidade. (CHAIM, 1987, p. 41)

Nesse momento, foi à pecuária e a agricultura responsáveis pela não desocupação total do território. Inicialmente, para melhorar o quadro econômico o governo concedeu isenção de impostos para a produção agrícola, como medida de incentivo a lavoura. Mesmo assim, após a decadência aurífera nos primeiros anos a agricultura foi de subsistência, onde um pequeno número de colonizadores passou a se dedicar a ela.

CAPÍTULO 2_ O DESENVOLVIMENTO DA PECUÁRIA NO ESTADO DE GOIÁS E SUAS MELHORIAS NO ÂMBITO DA MODERNIDADE

Uma vez que essa pesquisa tem como objetivo principal fazer uma análise das transformações espaciais ocorridas no Município de Mozarlândia, após a implantação do Frigorífico Bertin, se faz necessário aprofundar-se no entendimento da pecuária em Goiás e das outras atividades econômicas na região goiana, pelo fato da carne bovina ser o grande objeto de consumo capitalista manipulado por essa indústria no seu processo produtivo e, provavelmente, predador dos meios naturais.

Ao se buscar compreender a pecuária no Estado de Goiás, se faz necessário o entendimento de todo o processo de formação do estado goiano e de suas atividades econômicas que se deram no decorrer do tempo e, assim, posteriormente entender a pecuária nessa região e, também, a nível municipal.

O processo de ocupação de ocupação econômica do território goiano iniciou-se com a exploração mineratória, entre o século XVI e início do século XIX. Com o fim da mineração consolidou-se um pequeno comércio intra-regional com a pecuária bovina. A agricultura foi nesse período apenas uma atividade de subsistência entrelaçada à pecuária. (DOLES apud. SANTANA, 2005, p1)

No período em que a província de Goiás se constituía de espaços vazios, ainda não penetrados pelo homem, começa a ser ocupada inicialmente graças aos processos auríferos e, posteriormente, pela pecuária que vai fixar definitivamente o homem no solo goiano.

A verdadeira evolução de Goiás tem como ponto de partida a descoberta das suas primeiras minas de ouro. Esta época, iniciada com a chegada dos bandeirantes vindos de São Paulo, foi marcada pela colonização de algumas regiões.

Em sua formação étnico-social, o território goiano antes mesmo da descoberta do ouro, já era habitado por tribos indígenas, essas aqui utilizavam o território em que se encontravam produzindo somente o necessário para sua sobrevivência. Segundo Souza e Carneiro (1996, p.18), as comunidades primitivas goianas viviam em pequenas tribos, assentadas sobre a propriedade comum da terra e unidas pelos laços de sangue.

Essas tribos utilizavam para caça, pesca e também para sua defesa, instrumentos como arco, flechas e machados. No transporte utilizavam de canoas ou jangadas construídas por eles mesmos e instrumentos feitos grosseiramente de pedra lascada. Quanto ao que diz respeito às diferentes tribos que habitavam o território goiano, Souza e Carneiro (1996, p. 19) afirmam:

As tribos indígenas encontradas em Goiás na época da descoberta do ouro (1725) eram os Caiapós, Chavantes, Goiyáz, Crixás, Araes, Canoeiros, Apinagés, Capepuxis, Caroá-Mirim, Temimbós, Xementes, Tapirapés, Carajás, Graduais, Tessemedus, Amadus, Guaia, Guassu, Acroá e Xacriabá. (IDEM)

Os Chavantes foram os primeiros a ocuparem o espaço que hoje pertence ao município de Mozarlândia. Em um cenário hostil, ainda não explorado por povos mais desenvolvidos, essas tribos fixaram-se criando costumes e tradições próprias. Aqui essas tribos permaneceram como único povo a ocupar essas terras até o século XVII. Foram as bandeiras que trouxeram os primeiros colonizadores ao território goiano.

No século XVII estabeleceu-se uma linha de penetração constante devido ao bandeirismo e à catequese jesuíta. A conquista do território de Goiás foi efetuada, então, por meio de duas vias de penetração: õuma oriunda do Norte, que pela via fluvial do Tocantins penetrou a porção setentrional de Goiás e outra paulista, advinda principalmente do Centro-Sulö. (SOUZA & CARNEIRO, 1996, p.14)

Goiás era conhecido e percorrido pelas Bandeiras já no primeiro século da colonização do Brasil. Mas, seu povoamento só ocorreu em virtude do descobrimento das minas de ouro. As bandeiras eram organizações constituídas por grupos que se aventuravam no interior ainda selvagem da colônia em busca de metais preciosos. A respeito da descoberta aurífera em território goiano, Souza e Carneiro (1996, p.27) afirmam que: õOs paulistas foram os descobridores das minas de Goiás. Esse fato fez com que a província pertencesse a São Paulo até 1749.ö Esses momentos de penetração tinham o objetivo maior da descoberta de metais preciosos.

A fase de conquista do território de Goiás teve a virtude de verificar as reais possibilidades econômicas da região com as incursões constantes por parte das bandeiras, que buscavam amostras auríferas, pedras preciosas, bem como o apresamento do índio (SOUZA & CARNEIRO, 1996, p.14)

Falando sobre o Estado de Goiás como uma região que contava com inúmeras tribos indígenas em seu território, Souza e Carneiro (1996, p. 22) afirmam que durante a fase mineradora, as tribos indígenas sofreram constantes ataques por parte dos mineiros, embora a política portuguesa aconselhasse um contato amistoso com essas tribos. Ainda a respeito do desrespeito com as tribos indígenas presentes no território goiano, também Lisita (1996, p.29) afirma que: no início, os índios capturados pelas bandeiras era utilizados como escravos nas plantações paulistas.

Não se pode deixar de comentar aqui a luta pela posse da terra entre os índios e os brancos, sendo que o colonizador na maioria das vezes sai vitorioso, apossando-se de terras pertencentes anteriormente as tribos, essas lutas resultaram num processo de extermínio de parte dos indígenas, os demais se viram expulsos de seu habitat, sendo necessário cada vez mais sua imigração para o interior do país e, dessa forma, não somente o território goiano mais toda a região Centro-Oeste passa a ser explorada pelos colonizadores em busca de riquezas naturais e fazendo assim da terra uma fonte de poder econômico e político.

Em Goiás, a descoberta do ouro levou a disputas territoriais. Tais disputas decorreram sobretudo da expulsão e também da fuga das tribos indígenas do litoral no século XVII, quando buscaram refúgio no interior do país, em estados como Mato Grosso e Goiás. Quanto mais avançavam os bandeirantes paulistas, mais provocavam migrações em massa de tribos indígenas, levando-as a disputas pela terra e pela sobrevivência. (SOUZA & CARNEIRO, 1996, p.21)

Foi somente a partir do século XVIII que foram descobertas as primeiras minas auríferas no território goiano e, assim, inicia-se o povoamento. Souza e Carneiro (1996, p. 15) descrevem essa descoberta:

Em 1725, com a expedição de Bartolomeu Bueno da Silva, foi descoberta a primeira lavra aurífera de Goiás, na cabeceira do Rio Vermelho, local onde se fundou o Arraial de Santo Ana, posteriormente denominado Vila Boa de Goiás. As primeiras descobertas verificaram-se na região sul da província. Entretanto, a busca do ouro em sucessivas bandeiras chegou até o rio Tocantins. O povoamento de Goiás nessa fase caracterizou-se pela irregularidade e pela falta de total planejamento.

Conforme é descrito pelas autoras, a atual cidade de Goiás foi a primeira localidade que se descobriu o ouro no território goiano no século XVIII. Quando se refere a falta de planejamento essa foi parcialmente solucionada com a formação dos

primeiros arraiais, mesmo assim esses eram caracterizados pela irregularidade e pela instabilidade.

A partir de meados dos anos 1730, com a introdução do processo mineratório e colonização do Centro-Oeste, surgiram às primeiras pastagens extensivas de gado que vieram dos currais do vale do São Francisco. O rebanho bovino viria formar o alicerce mais sólido da economia agrário regional.

Após a descoberta aurífera formaram-se três zonas de povoamento, conforme pode ser visto na (Tabela 1).

1ª Zona	2ª Zona	3ª Zona
Centro-Sul	Região do Tocantins Limite com Maranhão	Limite com a Bahia
Arrais	Arrais	Arrais
Santa Cruz	Traíras	Arrais
Santa Luzia (Luziânia)	Água Quente	São Félix
Meia Ponte (Pirenópolis)	São José (Niquelândia)	Cavalcante
Jaraguá	Santa Rita	Natividade
Vila Boa (Goiás)	Muquém	Porto Real (Porto Nacional)
Coral Barra	Cachoeira	

Tabela 1: Zonas de povoamento formadas após a descoberta do ouro em Goiás.

Fonte: Carneiro e Souza (1996)

A respeito da população que se formou dentro dos arraiais da província de Goiás, a metade de seus habitantes era constituída por escravos. Assim é descrito por Souza e Carneiro (1996, p.27) quanto ao número de habitantes da província goiana no período aurífero.

A capitania de Goiás contava, em 1750, com uma população de 40.000 habitantes, sendo 20.000 escravos. A partir daí, houve um decréscimo populacional devido à queda da produção aurífera chegando em 1804, a uma população de 50.000 habitantes.

O número de escravos utilizados nos processos econômicos na capitania de Goiás vai diminuir somente com a confirmação da pecuária, pois nessa forma econômica não se faz necessário um contingente tão grande de trabalhadores.

A população de Goiás, nesse momento, poderia ser descrita como um contingente volante que, não se fixava em um determinado lugar, mas, sim, buscava lugares em que as jazidas de ouro eram mais produtivas. Souza e Carneiro (1996, p.24)

afirmam: após as primeiras descobertas auríferas e durante toda a primeira metade do século XVIII, a província passou a receber um grande fluxo migratório.

Sobre a escassez rápida que as minas apresentavam Souza e Carneiro (1996, p. 26) assim nos descrevem:

A produção de ouro em Goiás não foi uniforme e realizou-se numa curva descendente e lenta a partir de 1753. Tal fato deveu-se a baixa produtividade, devida às precárias técnicas empregadas para a retirada do ouro de aluvião.[...] As minas de Goiás produziram regularmente, durante 35 anos, uma média de 12 a 15 arrobas anuais. Em 1769, a produção cai para seis arrobas aproximadamente, diminuindo progressivamente a partir daí.[...] Goiás produziu 20% do ouro brasileiro.

Conforme foi dito pelas autoras, a produção de ouro teve seu auge e os anos após decaíram rapidamente. Logo após a decadência aurífera, a província de Goyaz, assim como os arraiais, foi quase que despovoada completamente, o grande fluxo de pessoas que os preencheram durante o período aurífero, os deixou com a mesma rapidez que os chegaram inicialmente.

Essa evidente decadência trouxe para Goiás uma defasagem sócio-cultural; os aglomerados urbanos estacionaram e alguns desapareceram; parte da população abandonou o solo goiano e parte dispersou para a zona rural, dedicando-se a criação de gado ou agricultura. (PALACÍN, 2008, p.73)

Após a decadência dos arraiais, por muito tempo a agropecuária permaneceu circunscrita. Muitos obstáculos impediram a sua afirmação como os dízimos temidos pelos agricultores, o desprezo por parte dos mineradores para com a agricultura, por ser muito pouco rentável, a ausência de mercado consumidor, dificuldades de exportação pelo alto custo do transporte e pela ausência de sistema viário.

Várias medidas governamentais foram tomadas por parte da coroa portuguesa. Segundo Palacin (2008, p. 67), como medidas salvadoras, o príncipe regente Dom João, tendo em vista seus objetivos mercantilistas, passou a incentivar a agricultura, a pecuária, o comércio e a navegação dos rios.

Nesse momento, foram tomadas diversas providências para salvar a economia na colônia, entre eles Palacin (2008, p. 68 e 69) destaca:

- Foi concedida isenção dos dízimos por espaço de tempo de dez anos aos lavradores para que nas margens dos rios Tocantins, Araguaia e Maranhão fundassem estabelecimentos agrícolas;
- Ênfase à catequese e civilização do gentio, com interesse em aproveitar a mão-de-obra dos índios na agricultura;
- Criação de presídios às margens dos rios, com os seguintes objetivos: proteger o comércio, auxiliar a navegação e aproveitar o trabalho dos naturais para o cultivo das terras.
- Incrementou a navegação dos rios Araguaia e Tocantins. Canoas e montarias carregadas de algodão, açúcar, fumo, couros e sola desceram o grande rio, indo ter às praças do Pará, principalmente entre os anos de 1805 ó 1808;
- Tentou-se desenvolver a navegação dos rios do Sul de Goiás, como o Paranaíba, e alguns de seus afluentes, a fim de se comunicar com o litoral com mais facilidades;
- Revogou-se o alvará de 5 de janeiro de 1785, que proibia e extinguiu fábricas e manufaturas em toda a Colônia. Esta revogação foi seguida de estímulos à agricultura do algodão e à criação de fábricas de tecer. (Palacin. 2008. p. 68 e 69).

Tais medidas foram adotadas, porém a grande extensão geográfica da capitania de Goiás dificultava tais providências, afim de que a coroa portuguesa obtivessem o resultado esperado. Palacín (2008, p. 70) afirma que essa dificuldade foi ser superada somente no ano de 1809.

[...] quando o Brasil já vivia o processo de emancipação política, foi o nosso território dividido: a do sul, compreendendo os julgados de Goiás (cabeça ou sede), de Meia ponte, de Santa Cruz, de Santa Luzia, de Pilar, de Crixás e de Desemboque; a do norte, compreendendo os julgados da Vila de São João da Palma (cabeça ou sede), da Conceição da Natividade, de Porto Imperial, de São Felix, de Cavalcante e de Trahiras.

Tal medida administrativa contribuiu para fortalecer a economia ainda enfraquecida de Goiás. Houve também, no ano de 1809, a criação do cargo de Juiz de fora de Vila Boa, tal medida segundo Palacín (2008, p. 70) foi adotada por que: ãa câmara da capital, a única da capitania, portanto a única que administrava as rendas de todos os julgados, era formada por vereadores indolentes e presidida por juízes leigos que não tinha consciência de seus deveres. Essas pessoas nesses cargos prejudicavam as rendas que a capitania poderia obter e as possíveis realizações administrativas.

Quanto a todas essas medidas adotadas e colocadas em prática não podemos deixar de dizer que de certa forma auxiliaram, porém o grande problema que a capitania passava era de natureza econômica, social e cultural. Esse problema necessitava, para

sua resolução, do surgimento de algum produto que assim como o açúcar, o ouro e o algodão conduzissem novamente Goiás aos trilhos do desenvolvimento.

Goiás se caracteriza também por suas grandes dimensões de terra, dessa forma Souza e Carneiro (1996, p. 32) afirmam que a economia agropecuária surgiu cedo, graças à enorme disponibilidade de terras, primeiro como subsistência, atendendo à expansão da mineração, e mais tarde como único meio de sobrevivência.

2.1_ O FORTALECIMENTO DA PECUÁRIA GOIANA APÓS A DECADÊNCIA AURÍFERA

As primeiras cabeças de gado trazidas para o Estado de Goiás vieram do Estado de Minas Gerais, conforme é descrito por Souza e Carneiro (1996, p.40):

Os primeiros núcleos de criação de gado em Goiás foram constituídos no sul, destacando-se Vila Boa, Santa Cruz, Meia Ponte e Trairas. As primeiras boiadas vieram no século XVIII, dos currais do São Francisco, seguindo as rotas dos rios Atibaia, Jaquari-Açu, Mogi, Sapucaí, Pardo, Granai, das Velhas, Paranaíba e Meia Ponte.

A partir dos anos 30, do século XIX, a população goiana foi aumentando constantemente graças a pecuária extensiva, conforme pode ser observado na (Tabela 2). Segundo Ferreira e Mendes (2009, p.24) verifica-se que a ocupação histórica de Goiás se deu pela expansão de grandes fazendas para a criação extensiva de gado bovino, com baixo aproveitamento econômico das terras.

Ano	Habitantes
1849	79.000
1856	122.000
1861	133.000
1872	149.000
1890	227.000
1900	255.000

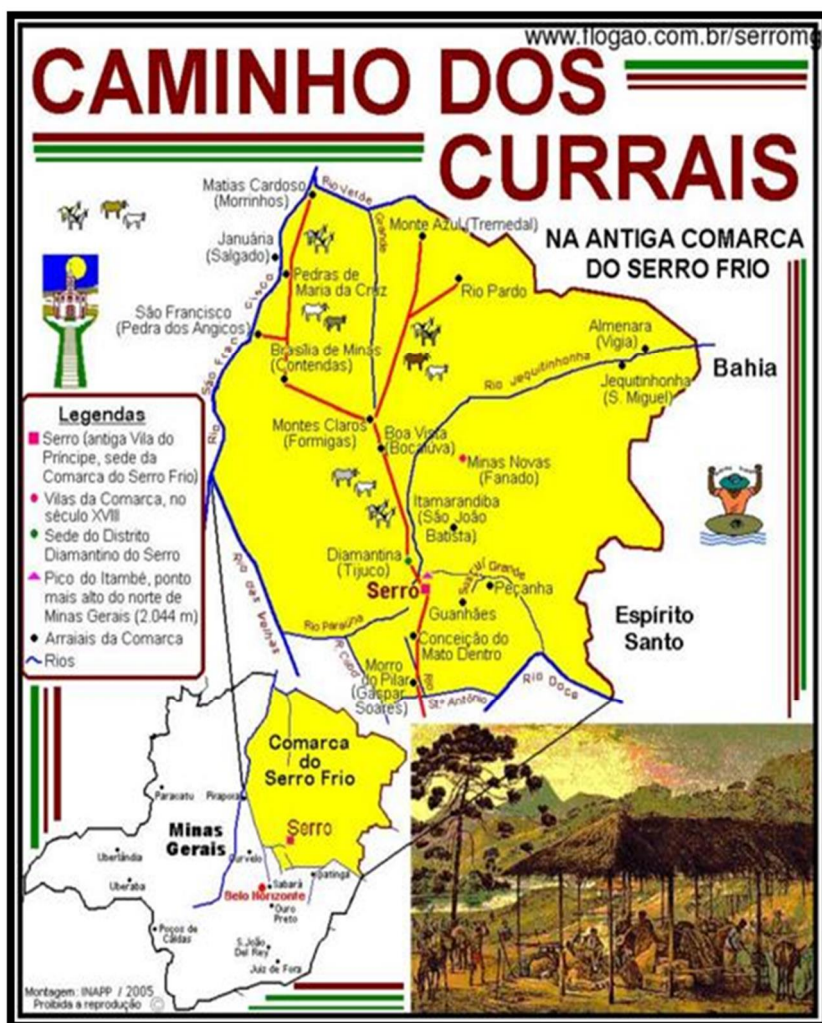
Tabela 2: Evolução populacional de Goiás (1849 -1900)

Fonte: Palacín apud Souza e Carneiro (1996)

A população de Goiás aumenta consideravelmente de 1849 a 1900. O aumento dos rebanhos faz também com que sejam ocupadas partes do território goiano ainda não exploradas durante a economia aurífera. Ainda a respeito da penetração do gado no território goiano, e a importância dos rebanhos mineiros nesse processo, Borges (2000, p.108) assim comenta:

Fazendeiros do Piauí conduziram suas boiadas, subindo o São Francisco e, depois de percorrer o oeste baiano e ultrapassara a fronteira natural do Espigão Mestre, alcançaram o território goiano. Pará e Maranhão também foram pontos de partida de rebanhos, que seguiram o vale do Tocantins e se dispersaram a partir do norte do Estado. O gado que partiu de São Paulo e Minas Gerais e palmilhou a mesma trilha dos mineiros, após atravessar o Triângulo Mineiro, adentrou o Estado de Goiás. (BORGES, 2000, p. 108)

Aqui vale analisar o Vale São Francisco, onde a atividade econômica marcou o local, tornando-o conhecido como o Rio dos Currais. Esse local foi um dos escolhidos pelos colonizadores para penetrar o território brasileiro e conseqüentemente um dos primeiros a ser feitas as inserções das fazendas de criação. Os currais e as fazendas se desenvolveram e se estenderam pelos vales e seus afluentes e disseminaram um povoamento, nos quais certos grupos se dedicavam a comercialização do gado, obtendo a princípio a agricultura de subsistência.



Mapa 1: Caminho dos currais de São Francisco (utilizado para levar as primeiras boiadas para Goiás)
Fonte: [http:// www.flogao.com.br/serromg/caminhosdoscurrais/html](http://www.flogao.com.br/serromg/caminhosdoscurrais/html)

A região pastoril que se formou no sul de Minas Gerais foi de extrema importância para Goiás, foi após o surgimento dessa região que se inicia uma atividade acessória entre ela e o território goiano. No (Mapa 1), é e mostrado os caminhos dos currais de São Francisco, parte do trajeto que o gado realizou até chegar em Goiás.

Ainda sobre o que diz respeito à penetração do gado no território goiano, Borges (2000, p107) afirma:

Os caminhos da penetração do gado em território goiano partiram de dois núcleos principais: os currais nordestinos e os paulistas. Fazendeiros do Piauí conduziram suas boiadas, subindo o São Francisco e, depois de percorrer o oeste baiano e ultrapassara a fronteira natural do Espigão Mestre, alcançaram o território goiano. Pará e Maranhão também foram pontos de partida de rebanhos, que seguiram o vale do Tocantins e se dispersaram a partir do norte do Estado. O gado que partiu de São Paulo e Minas Gerais e palmilhou a mesma trilha dos mineiros, após atravessar o Triângulo Mineiro, adentrou o Estado de Goiás.

Percebe-se que no âmbito das atividades econômicas, inicialmente desenvolvidas, a presença do tripé, mineração-lavoura-pecuária, determinada como um complexo de relações econômicas. A agricultura nesse momento também dava sinais de surgimento em Goiás.

A partir de tais considerações, nota-se a transição entre as atividades mineradoras para a agropecuária, no qual distingue-se um novo modelo de povoamento.

A pecuária passa a ser a principal atividade econômica de Goiás, e conforme menciona Souza e Carneiro (1996), a zona rural agrupa os grandes latifundiários, que faziam dos arraiais centros de lazer e de comemoração de festas religiosas. A única exceção era Vila Boa, por ser o centro administrativo da província e onde ficavam os chamados *homens bons*, senhores brancos, ricos, que detinham o poder político, dominavam o comércio e eram os *donos das terras*, agora valorizada pela agricultura e pela pecuária.

Para Estevam (1998, p.26), a população de Goiás ao longo do século XIX, aumentou de forma aparentemente substancial. Quando anteriormente se evidenciara a decadência da mineração, o número de habitantes havia decrescido momentaneamente em cerca de 20,0%. Todavia, a partir de 1830, o contingente demográfico aumentou continuamente, não só em função do crescimento vegetativo, mas também devido às correntes migratórias das regiões mais próximas. Em 1824, Goiás contava com 62.518 habitantes e, em 1890, atingia 227.572, indicando que seus moradores quase quadruplicaram.

O povoamento de Goiás é característico das migrações dos estados próximos, em virtude da expansão da agropecuária, como um dos setores de maior peculiaridade da economia goiana. Analisando a obra de Souza e Carneiro (1996), percebe-se que o acelerado desenvolvimento, tanto econômico como social, formou-se dois núcleos de povoamento: um no sudeste - sudoeste (Rio Verde, Rio Bonito, Jataí, Catalão, Morrinhos, Piracanjuba); e outro no centro-sul (Caiapônia, Currálinho, Goiás, Jaraguá, Quirinópolis, Mineiros e Pirenópolis). Configurando-se, então, em relações inter-regionais entre estas comunidades vizinhas.

Havia uma proposta de ligar as linhas da Estrada de Ferro até o Araguaia, mas isso ficou apenas na esperança, o isolamento e a falta de comunicação continuava sendo a raiz de todos os problemas de Goiás, pois não poderia conferir a Estrada de Ferro o papel de ligação econômica de Goiás com o Brasil. Segundo Souza e Carneiro (1996, p. 60), ela servia apenas como via de penetração, integrando territorialmente Goiás ao centro-sul do país, principalmente a Minas Gerais e São Paulo.

Para as autoras a chegada da ferrovia a Ipameri, em 1913, permitiu que Goiás participasse do comércio interno de carnes, estabelecendo charqueadas em Catalão, Ipameri e Pires do rio que passaram a abastecer Minas Gerais e Mato Grosso. Nesse momento o rápido processo de ocupação do Estado de Goiás, de 1912 a 1915, que se desloca do sul para o centro-sul, foi consequência do crescimento extensivo de suas agriculturas e da pecuária.

Agricultura e pecuária em Goiás não podem ser vistas como atividades entangues ou separadas. A agricultura explorada no território era a agricultura *õcamponesaõ*, caracterizada pela fraca utilização de insumos e pela predominância do trabalho familiar. Este tipo de organização assemelha-se a uma economia mercantil e é banalizada pelo intercâmbio *mercadoria-dinheiro-mercadoria*. Neste tipo de atividade a produção de excedentes é quase que involuntária e ingressa no mercado apenas circunstancialmente. (ESTEVAM, 1998, p. 71).

As fazendas de criação de gado cresceram bastante e os rebanhos se propagavam em todo o território goiano. Nesta perspectiva, ainda segundo Borges (2000), os fatores que contribuíram para este crescimento acelerado da pecuária neste espaço foram: atividade de poucos investimentos (já que as construções das fazendas eram rústicas e os métodos para a produção eram habituais); o clima; e a vegetação, uma vez que as pastagens do cerrado eram propícias para tal atividade.

Mesmo com todo o desenvolvimento, a pecuária no Estado de Goiás ainda constituía uma atividade extensiva e com baixos índices de produtividade.

O Censo Agropecuário de 1950 registrou no Estado de Goiás 63.736 estabelecimentos agropecuários, os quais ocupavam uma área total de 245.881 km² e representavam 40% do território estadual. As pastagens ocupavam em torno de 63% da área dos estabelecimentos. Através dessa afirmação pode-se perceber a *õvocação pastorilõ* de Goiás. Segundo (Borges, 2000, p.113), *õa pecuária extensiva era a forma utilizada para a ocupação e o domínio de grandes áreas,õ agindo dessa forma o criatório conseguiria garantir os latifúndios e o controle privado da terra ao menor custo possível.*

Ao se pensar a *vocação pastoril* de Goiás, Bertran (1978, p.113) afirma que:

A *õvocaçãoõ pastoril* de Goiás deve ser vista mais como uma fatalidade a que foi forçado pela *míngua* de população capitalista e terras de cultura do que pelo seu caráter inato. Sem ser privilégio de Goiás, tal situação repetiu-se um pouco por todas as regiões brasileiras do interior. O Gado, por exigência, produção, produção marginal de espaços marginais.

Atualmente, sem dúvida o Estado de Goiás está entre os que possuem os rebanhos mais numerosos do país. De acordo com o IBGE (2010), o Estado de Goiás possui o quarto maior rebanho do país com mais de 209 541 109 cabeças, ficando atrás somente dos estados de Mato Grosso, Minas Gerais e Mato Grosso do Sul. Goiás também é o quarto estado da federação que mais abate bovinos.

Segundo a SEPIN o PIB (Produto Interno Bruto) goiano apresentou no ano de 2006 a seguinte estrutura: 10,26% provenientes da agropecuária, 26,54% da indústria e 63,20% de serviços. Através desses dados, é possível perceber que a pecuária goiana possui forte participação na economia e o estado.

Ano	Bovino	Suíno	Vacas Leiteiras	Produção de Leite (1000 l)
2000	18.399.222	1.174.360	2.006.038	2.193.799
2005	20.726.586	1.499.138	2.334.558	2.648.599
2006	20.646.560	1.516.285	2.293.105	2.638.568
2007	20.471.490	1.537.430	2.286.190	2.638.568
2008	20.466.360	1.592.760	2.363.068	2.873.541
2009	20.874.943	1.929.062	2.441.165	3.003.182
2010	21.347.881	2.046.727	2.479.869	3.193.731

Tabela 3 - ESTADO DE GOIÁS: Principais rebanhos e produção de leite - 2000, 2005 ó 10. (cabeças)

Fonte: IBGE

Elaboração: SEGPLAN-GO / SEPIN / Gerência de Estatística Socioeconômica ó 2011.

De acordo com o IBGE a área fundiária o Estado de Goiás em sua composição possui mais de 45% de pastagens, 17,89% de cultura, mostrando o peso da agropecuária no cenário estadual. A área das pastagens destinadas a criação de gado de Goiás, representa nacionalmente 9% das pastagens nacionais e 27,31% de todo o total da Região Centro Oeste.

2.2_A MODERNIZAÇÃO DA PECUÁRIA

No momento em que foram surgindo as primeiras zonas de criação bovina, essas já se distinguiam entre si, não somente pelas condições naturais e climáticas para a criação do gado, mas também pelos cuidados diferenciados que possuíam entre si. Nessa pesquisa, ao se analisar o processo de modernização da pecuária brasileira, será

levado em conta às concepções econômicas e sociais que vem o correndo desde a sua gênese até os dias atuais.

A estrutura rural da sociedade brasileira sofre transformações intensas a partir da década de 1970, com a modernização da agropecuária. É injetado nas áreas pastoris e as áreas destinadas para agricultura tecnologias que melhoram o processo de produção.

O mundo rural se modifica pelo desenvolvimento mecânico, pelas novas tecnologias, pelo avanço da engenharia genética, da biotecnologia e da química. E este avanço no campo acontece de forma devastadora, com o trabalho humano sendo substituído pelo emprego de máquinas, fazendo com que a população diminua sempre num contexto de aumento da produtividade. Este fato, a diminuição da população rural é muito importante no contexto das transformações atuais, pois modifica profundamente o antigo modo de vida rural [...] Assim, este é um momento em que a globalização do capital transforma as relações sociais e de produção no campo, trazendo consequentemente mudanças culturais profundas. (MENEZEZ NETO, Apud SANTANA, 2005, p. 87).

O campo deixou de ser um lugar simples que já foi um dia, em que teve como única ferramenta a ãenxadaõ, hoje os campos brasileiros tem toda uma estrutura de tecnologia e ferramentas de auxílio que atendem a perspectivas internacionais de produção. Atualmente, boa parte da produção agrária brasileira vai para o exterior, isso se deve a qualidade dos produtos do campo do território nacional.

A pecuária brasileira tem todo um apoio tecnológico que possibilita a maior lucratividade e produtividade do gado. A modernização da pecuária pode ser compreendida com a passagem de um sistema que em períodos colônias era rústico e tradicional para uma atividade moderna com novos modos de produção.

Santana (2005), em seu texto fala que na pecuária tradicional não existia processo de seleção ou melhoramento animal, apenas cruzamento simples, quase não existiam vacinas, carrapaticidas, bernicidas, rações balanceadas e mineralizadas. As pastagens eram naturais, a criação era semi ou extensiva, sendo que no complemento na alimentação do gado usava-se apenas o sal comum. A produção de leite e de carne era pequena (produtividade, quantidade) consumida *in natura*, cozida, assada, frita (leite, coalhada, carne seca, defumada, de sol, conservada em banha). Os animais machos reprodutores, ficavam juntos com as fêmeas nas pastagens e mangueiros. A sobra de leite e carne era permutada com vizinhos e até levado por estrada de chão e trem aos compradores.

A pecuária moderna dos dias de hoje, utiliza o conhecimento científico, aliado as práticas do cotidiano, onde o produtor utiliza de métodos e procedimentos em suas propriedades, tendo esse o intuito de obter os melhores resultados possíveis através da atualização do seu conhecimento profissional. Observa-se dessa forma que a pecuária atual encontra-se inserida em um processo chamado modernização.

A modernização da pecuária aconteceu, principalmente, no seguimento do gado de corte, segundo Macedo (2006, p.1):

A pecuária de corte bovina brasileira vivenciou ao longo dos últimos anos um processo de modernização que possibilitou ganhos de produtividade que contribuíram para o crescimento da oferta de animais para abate e a redução dos preços da arroba do boi gordo em termos reais. Esse processo foi acompanhado pelo componente cíclico de baixa de preços, iniciado em 2000, que, conjugado com os investimentos na intensificação produtiva, elevaram a oferta de animais para abate no período 2003/05. Esse encadeamento de eventos auxiliou a expansão da participação da carne brasileira nos mercados internacionais e o aquecimento do consumo no mercado doméstico.

As melhorias tecnológicas que acontecem no campo aplicadas a pecuária de corte brasileira, possibilitou ao logo do tempo para que essa atendesse também aos mercados internacionais, através de exportações.

Faz-se importante também uma análise dos processos técnicos que ocorrem com a pecuária brasileira. Será apresentado um pouco da evolução histórica da pecuária para melhor entendimento e compreensão das modificações que moldam o cenário que se observa na atualidade.

2.2.1_As melhorias na pecuária de corte brasileira

Conforme foi mencionado, a pecuária passou por adaptações, como a inserção de novas pastagens e novas raças no território nacional. No âmbito da modernidade pode-se ver uma pecuária desenvolvendo sobre melhoramentos tecnológicos, que permitem o melhor bovino, através de cruzamentos, controle de pragas e doenças do gado, alimentação adequada e sistema de manejo diferenciado. Tais melhorias permitiram a intensificação da criação de gado e, conseqüentemente, o aumento dos rebanhos bovinos no país.

As melhorias da pecuária de corte, também estão relacionadas a investimentos feitos no campo, em sua estrutura para melhor criar esse animal e no desenvolvimento dos meios de transporte.

Valverde (1985, p.205) comenta que, ão melhoramento da pecuária de corte está relacionado com o investimento de capitais ingleses, como uma expansão do controle da economia que já exerciam na Argentina e no Uruguai.õ Um dos motivos que levaram a introdução das novas raças no Brasil foi, segundo Valverde o autor o desenvolvimento da frota de navios-frigoríficos (criada na segunda metade do século XIX); durante o domínio mundial dos capitais britânicos, ocorrido entre a guerra franco-prussiana, de 1870, e a primeira Guerra Mundial (1914-1918).

É nesse momento de guerras pelo mundo que vai surgir os primeiros frigoríficos no território nacional, Valverde (1985, p. 206) afirma que nesse momento aconteceu:

[...] a instalação de frigoríficos ingleses nas principais zonas de criação: o de Armour, em Santana do Livramento (RS), e o da Anglo, em Barretos (SP). Os nomes de Armour, Anglo, Wilson e Swift estão vinculados à modernização da pecuária de corte, tanto no Rio da Prata quanto no Brasil

Os frigoríficos foram de grande importância nas regiões onde se instalaram, pois possibilitaram o abate local do boi que era engordado na região, não precisando realizar o longo deslocamento que o animal normalmente realizava. A maior parte do gado criado na região era destinado ao abate na Capital_ Goiânia. Ou ainda era transportado para o Município vizinho Mato Grosso. (GOIAS. 2003).

Diante da visão de Macedo (2006), observa-se o desenvolvimento da pecuária em duas partes distintas; de um lado tem-se uma pecuária onde são empregadas tecnologias relacionadas ao manejo, ao desenvolvimento do solo e dos animais; e do outro lado tem-se um setor recente, formado por produtores, confinamentos, frigoríficos e comércio, que são estimulados por ações voltadas a ganho de curto prazo. Esse último surgiu em decorrência da necessidade de se produzir globalmente em larga escala.

Ao se tratar das melhorias da pecuária de corte, será necessário destacar características desta modernização, enfatizando assim as técnicas desenvolvidas, bem como as políticas governamentais e créditos que são disponibilizados a este setor econômico.

A respeito da pecuária brasileira, Macedo (2006, p.2) comenta:

A pecuária brasileira destaca-se no cenário internacional em virtude de dois fatores, primeiro pelo rebanho de 170 milhões de cabeças e a produção de 8,5 milhões de toneladas equivalente carcaça; segundo, pelos baixos índices de produtividade comparativamente a outros países com tradição no setor. A taxa média de abate da bovinocultura nacional entre 2000 e 2004 foi de

22,8%, inferior à dos principais concorrentes externos, como Argentina, que apresentou taxa média de 25,8%, Austrália de 32,6% e os EUA de 38%

A inserção do Brasil em um mercado extremamente exigente em termos de qualidade do produto, como é o mercado externo, pressupõe a existência de segmentos na atividade da pecuária brasileira capazes de competir internacionalmente e, além disso, de ofertar carne bovina atendendo às exigências desse mercado em termos de qualidade.

Segundo Arrais (2004, p.55), o caso do gado de corte, pela maior demanda tanto do mercado interno quanto externo, houve nos últimos anos investimentos em grandes frigoríficos com capacidade técnica para abate e preparo da carne. Hoje, no território nacional, estão instalados confinamentos e indústrias que atendem a todos os padrões de qualidade que os grandes compradores de carne, como os Estados Unidos e a União Européia, exigem do fornecedor.

CAPÍTULO 3_ AS TRANSFORMAÇÕES OCORRIDAS NO MUNICÍPIO DE MOZARLÂNDIA APÓS A IMPLANTAÇÃO DO FRIGORÍFICO BERTIN

Mozarlândia até o final do ano de 1998 era um município que vivia em uma economia fechada, voltada para a pecuária somente de cria e engorda do gado e, também, um pequeno desenvolvimento da agricultura. Na cidade havia poucos empregos, os serviços oferecidos eram muito básicos. Portanto, Mozarlândia até esse momento foi considerada uma cidade tipicamente interiorana, com uma população de pouco mais de 11 mil habitantes sem muitas perspectivas de trabalho, educação e qualificação profissional.

Em 1999, Mozarlândia foi a cidade escolhida na região para ser implantado uma unidade frigorífica do Grupo Bertin. Devido ao seu posicionamento estratégico na chamada ãestrada do boiö. A partir desse momento antes mesmo que seu funcionamento elevasse a economia do município, esse se torna convidativo para um grande número de pessoas que começa a chegar de diversos lugares do país em busca de oportunidades de crescimento. E o Bertin da cidade de Mozarlândia se tornou de 2000 até o início de 2006, o maior frigorífico da América Latina.

Além de beneficiar a economia municipal, o frigorífico transformou a espacialidade da cidade, causando impactos socioeconômicos e ambientais, e é esse o objeto dessa pesquisa. Mas, antes de adentrar ao assunto, faz necessário conhecer o município de Mozarlândia e o frigorífico Bertin, para assim poder entender melhor algumas transformações. (Ver foto 03).



Foto 03: Vista aérea do Frigorífico Bertin_ em início de 2000, no término de sua construção.

Fonte: Arquivos dos pesquisadores.

Há muitos anos, tribos indígenas habitavam a região onde hoje se encontra o município goiano de Mozarlândia. Entre as tribos, se destacam os Avá-Canoeiros e os Karajá. A ocupação de Mozarlândia não se consolidou com a exploração aurífera, ao contrário, a presença de pequenos ribeirões facilitou a proliferação de febres diversas, afastando os desbravadores. Foi somente no século XIX que as primeiras famílias foram chegando e ocupando as terras que antes serviram para exploração do ouro.

No local denominado Pouso Alto, instalou-se a família de José Camelo, isso ainda na década de 30. E em 1940, mais famílias foram chegando: Zé Baiano, Emiliano Gomes, família Assis, João Batistano Córrego do Gato, Pedro amaro Coelho e outros. O primeiro morador da região em que hoje se situa o município de Mozarlândia foi Lázaro Crispim, juntamente com as famílias Leite, Chagas Guedes, Dédio de Brito e muitas outras. (GOIÁS, SEPLAN, PROJETO SE LIGA, 2003, p.8).

Essas famílias que se instalaram em Passo Alto (nome que era conhecida à região de Mozarlândia) tinham a vontade de crescer mesmo enfrentando desafios. Foram se estabelecendo nessa região, tornando-a o lugar de seus lares. Sua chegada marcava uma época de muitas dificuldades, eram poucas as famílias que possuíam coragem para enfrentar os desafios de fixar-se em um solo ainda não habitado.

Foi a partir da chegada do agrimensor do Estado de Goiás, Mozart Andrade Mota, no ano de 1953, que surgiu no local o povoado que recebeu o nome de Barreirinho, o qual foi crescendo muito rapidamente, pois recebia os aventureiros que vinham com sonhos de progresso e de prosperidade.

Foi com a ajuda das famílias pioneiras e seus descendentes que ocuparam a região, que o agrimensor do Estado, Mozar Andrade Mota, fez as primeiras medições das terras para a nova povoação que iria surgir sobre o cerrado ainda virgem. Essas famílias deram todo apoio a ele, dando-lhe suporte até mesmo nos momentos de escassez de alimento e outras dificuldades. Foi a partir dessa iniciativa estadual que surgiu o povoado chamado Barreirinho.

Naquela época, o deslocamento era a pé, só tinha como caminho um trilheiro, que era às margens do Córrego Barreirinho. Para chegar até o povoado tinham que percorrer esse trajeto, ou aventurar-se no cerrado ainda não explorado pelo homem. E daí exatamente desse fato que surgiu o nome do povoado, que mais tarde se torna distrito do Município de Goiás, e posteriormente, a cidade de Mozarlândia.

O nome do Município de Mozarlândia originou-se da palavra Mozart, pelo fato de um dos responsáveis pela demarcação das suas terras para o início de uma urbanização ser também o seu fundador, homenageando-se assim o Sr. Mozart Andrade Mota.

3.1_OS ASPECTOS FÍSICOS

O Município de Mozarlândia fica a uma distância de 300 km da capital do Estado de Goiás, em media 3h30min de percurso de automóvel. Possui como municípios Limítrofes: ao Norte: Nova Crixás, ao Sul: Araguapaz, ao Leste: Crixás e ao Oeste: Aruanã.

Quanto a sua divisão territorial interna se divide em:

Zona Urbana: formada pelo Setor Central, Setor Santa Mônica, Setor Amaury Torres, Bairro Residencial Nobre, Vila Brasil, Setor Barcos, Setor Alicio Camões, Vila Paz,

Setor Bela Vista, Setor Jaçanã, Setor Paranoá, Setor Nova Mozarlândia, Setor dos Lagos I e II (em implantação) e, o mais novo, Setor Sol Nascente, que ainda está em fase de venda e ocupação. Esses últimos cinco setores surgiram após o ano de 2000, em consequência do crescimento populacional.

Zona Rural: essa parte do município está representada por Chácaras, Sítios, grandes e pequenas fazendas.

3.2_OS ASPECTOS DEMOGRÁFICOS

A respeito da formação populacional do município de Mozarlândia tem-se, de acordo com o IBGE (2010) 13.404 habitantes, em sua constituição um contingente de 50% (cinquenta por cento) de pessoas dos estados nordestinos, 10% (dez por cento) de mineiros, 30% (trinta por cento) de goianos e 10% (dez por cento) de outros estados brasileiros, e somente 10%, nascituros da região mozarlandense. Sua densidade demográfica é de 7,73hab/km². (Ver tabela 4).

O aumento da população urbana da cidade se deve a seu processo de industrialização, enquanto o declínio da população rural se deve à adoção da atividade pastoril em substituição a agricultura, já que o número de pessoas necessárias para a criação de gado é bastante inferior ao número de pessoas necessárias para a agricultura. Uma vez que os fazendeiros da região optam por adotarem a pecuária como principal atividade produtiva em suas terras, a quantidade de funcionários tem tendência a diminuir.

POPULACIONAL DE MOZARLÂNDIA			
Ano	População	Urbana	Rural
1991	10.078 habitantes	8.212 habitantes	1.866 habitantes
1996	10.182 habitantes	8.278 habitantes	1.904 habitantes
2000	11.186 habitantes	9.675 habitantes	1.511 habitantes
2007	13.123 habitantes	10.832 habitantes	2.291 habitantes
2010	13.404 habitantes	12.161 habitantes	1.243 habitantes

Tabela 4: Evolução populacional de Mozarlândia.

Fonte: IBGE (2014): Censo Demográfico e Contagem Populacional.

Org: Ferreira, Maria Eleuza F.

3.3_ OS ASPECTOS ECONÔMICOS

A economia do município de Mozarlândia se assenta basicamente, na agricultura e na pecuária de corte e de leite. Desse mesmo modo, os rebanhos bovinos, suínos e equinos, são consideráveis tanto em número quanto em qualidade.

A economia da cidade também tem por base o comércio de secos e molhados, confecções e lojas em geral. Relacionados aos serviços, predominam-se os serviços bancários, auto mecânica, posto de abastecimento de combustíveis, hospitalares e diversos outros serviços autônomos.

Na área industrial, a cidade conta com pequenas mercearias, selarias, cerâmicas, e com o frigorífico Bertin, maior indústria instalada no município de Mozarlândia.

A pecuária é a responsável pela maior porcentagem de renda do município. Desde os primeiros momentos do povoamento de Mozarlândia, ela se fez presente, embora logo atrás da agricultura, aos poucos as plantações foram substituídas pelas práticas pastoris, confirmando a pecuária como principal atividade econômica do município. Nessa substituição de processos econômicos também desencadeou o êxodo rural no Município de Mozarlândia.

Os muitos agricultores que antes trabalhavam nas lavouras foram sendo substituídos por poucos peões, esse fato comprova o declínio da população rural na cidade de Mozarlândia, que em parte se volta para a cidade em busca de outros tipos trabalho, já que o campo não mais oferece tanta mão-de-obra.

Quando a arrecadação municipal, Mozarlândia tem o seu Produto Interno Bruto (PIB), formado em sua maior porcentagem pela industrialização existente no município, nem mesmo unindo os valores obtidos com a prestação de serviços e com a agropecuária não se chega próximo ao valor do PIB obtido através da indústria, enquanto que no Estado de Goiás e no Brasil a maior arrecadação do PIB se deve aos serviços. (Ver tabela 5).

Município	IDHM, 1991	IDHM, 2000	IDHM-Renda, 1991	IDHM-Renda, 2000	IDHM-Longevidade, 1991	IDHM-Longevidade, 2000	IDHM-Educação, 1991	IDHM-Educação, 2000
Buritinópolis	0.521	0.6	0.452	0.479	0.573	0.602	0.539	0.719
Goianira	0.676	0.74	0.58	0.639	0.71	0.736	0.738	0.844
Jussara	0.664	0.74	0.737	0.667	0.603	0.718	0.752	0.836
Nova Crixás*	0.593	0.686	0.604	0.648	0.58	0.659	0.594	0.75
Itapirapuã	0.61	0.707	0.594	0.61	0.586	0.705	0.65	0.805
Crixás*	0.648	0.717	0.641	0.631	0.624	0.686	0.68	0.835
Mozarlândia	0.644	0.728	0.597	0.659	0.637	0.703	0.699	0.822
Araguapaz*	0.649	0.729	0.555	0.668	0.626	0.752	0.648	0.767
Aruanã*	0.639	0.732	0.651	0.647	0.635	0.717	0.721	0.833
Goias	0.652	0.736	0.615	0.655	0.626	0.705	0.714	0.847
São Miguel do Araguaia	0.656	0.737	0.62	0.675	0.626	0.722	0.722	0.813
Inhumas	0.677	0.765	0.65	0.699	0.637	0.754	0.745	0.842
Goiania	0.778	0.832	0.755	0.813	0.718	0.751	0.862	0.933
Chapadão do Céu	0.713	0.834	0.651	0.765	0.761	0.83	0.728	0.909

Tabela 5: Índice de Desenvolvimento Humano ó Municipal, 1991 e 2000 Alguns municípios do Estado de Goiás

Fonte: PNUD (2000)

* Municípios vizinhos de Mozarlândia (GO) de acordo com IBGE (2008)

Até momentos antes da instalação de uma unidade frigorífica do Grupo Bertin no município de Mozarlândia, a cidade vivia de uma economia sem grandes expectativas, mas de estabilidade razoável, baseada no comércio, pequenas indústrias, pecuária e agricultura, tudo em pequena escala, porém suficiente para a sobrevivência de toda a comunidade local.

Atualmente o município de Mozarlândia faz parte de um grande centro produtor e abatedor de bovinos do Estado de Goiás: A Microrregião de São Miguel do Araguaia. Nessa microrregião encontram-se duas cidades que se destacam na engorda de bovinos e no abate e industrialização de carne bovina. De um lado, conta-se com um grande confinamento dentro da área do município de Aruanã, na fazenda Planura onde se tem anualmente capacidade máxima para engorda de 150 mil cabeças de gado. Do outro lado, tem-se no município de Mozarlândia um das maiores plantas frigoríficas da América Latina, com grande capacidade de abate, que é o frigorífico Bertin.

Enquanto em outras regiões menos desenvolvidas contam com uma pecuária extensiva e sem melhoria tecnológica, o vale do Araguaia atua na cria, cria, engorda e abate de bovinos. E, sem dúvida alguma, um grande contribuinte para essa situação é o confinamento em Aruanã que faz parte do Grupo Bertin.

3.4_ A URBANIZAÇÃO NA CIDADE DE MOZARLÂNDIA

Em Mozarlândia pode-se ver o processo de urbanização como propulsor das transformações sociais, culturais e econômicas, sendo esse caracterizado pelo adensamento populacional em um espaço geográfico específico e pela amplitude das atividades econômicas.

Mozarlândia é o município que possui maior índice de urbanização. Dois fatores contribuem para isso, primeiro, por que o maior empregador, o Frigorífico Bertin está instalado dentro da área urbana. O segundo, é que as propriedades rurais do município desenvolvem a pecuária de leite que utiliza pouca mão-de-obra. (LIMA, 2003, p.115)

O autor acima caracteriza a cidade de Mozarlândia como a mais urbanizada da Microrregião de São Miguel do Araguaia, em relação às outras cidades. Isso se deve a elevação populacional, graças principalmente a imigração, ocorrida a partir do ano de 2000, devido a oferta de empregos oferecidas na cidade, principalmente após a instalação do frigorífico Bertin.

Pode-se ainda afirmar que o processo de industrialização na cidade de Mozarlândia transformou também a urbanização. A cidade tornou um pólo de atração, Mozarlândia passou a receber um contingente de todas as partes em busca de empregos, fornecido principalmente pelo frigorífico Bertin.

O contingente de pessoas que começou a chegar a Mozarlândia proporcionou além do crescimento demográfico da cidade, um crescimento no comércio local de bens e serviços. No espaço urbano, o comércio se fortalece dia após dia. Houve também a vinda para a cidade de Mozarlândia de importantes e renomadas firmas prestadoras de serviços que antes aqui não abriam suas portas devido a pouca população consumidora, entre elas a Honda Motos, Yamaha veículos, Discotel Eletro, Só Colchões, postos de abastecimento da Petrobrás, entre outros (Fotos 04, 05, 06 e 07).



Foto 04: Centro da cidade de Mozarlândia
Fonte: RODRIGUES, Edson Andrade



Foto 05: Comércio central de Mozarlândia
Fonte: RODRIGUES, Edson Andrade



Foto 06: Comércio central com destaque o Banco do Brasil
Fonte: RODRIGUES, Edson Andrade



Foto 07: Vista aérea do centro de Mozarlândia
Fonte: RODRIGUES, Edson Andrade

3.5 _ AS CONSEQUENCIAS ADVINDAS DA IMPLANTAÇÃO DO FRIGORIFICO BERTIN.

O Município de Mozarlândia desde sua fundação por um longo período viveu uma economia frágil sustentada pela subsistência da pecuária e da agricultura.

Nos anos 90 a pecuária encontrava-se estagnada e a agricultura restrita a poucos produtores. A economia do município necessitava de um impulso para voltar a crescer, esta injeção é dada em 1999, com a construção das instalações do frigorífico Bertin, há um repentino crescimento na economia: são gerados vários empregos, o comércio aumenta consideravelmente, são abertos loteamentos no perímetro do município, a pecuária tem novo impulso

e o rebanho bovino cresce através de investimentos dos pecuaristas e financiamentos governamentais. (SOUZA, 2002, p.9)

O frigorífico Bertin foi o grande propulsor das transformações espaciais na cidade. O espaço de Mozarlândia do século XX, em relação à Mozarlândia do século XXI, é profundamente modificado devido ao frigorífico Bertin e as ações do homem sobre a paisagem do município mozarlandense. Durante essa pesquisa foi de extrema importância fazer uma reconstituição do que foi o espaço de Mozarlândia antes da implantação do frigorífico, para assim a partir desse momento entender melhor as transformações que ele vivenciou, a partir do ano 2000. A respeito da paisagem e do espaço Santos (1999, p.85) comenta:

Se o homem por seu trabalho ó enquanto produtor, residente ou ocupante ocasional ó não transmite vida à coisa, essa vida da qual somente ele é detentor, o objeto permanecerá sempre como tecnologia, e não como economia. Assim as forças materiais naturais não se tornam produtivas se não pelo trabalho humano, o mesmo se passa com as coisas materiais sociais, criadas um dia pelo homem mediante o processo da produção, presente ou passada. Numa perspectiva lógica, a paisagem é já o espaço humano em perspectiva.

Dessa forma a paisagem é uma representação dessa realidade e dos elementos que a compõem. O que está representado na paisagem é decorrência de interação entre a sociedade e a natureza e da interpretação, individual ou coletiva dos processos de estruturação do território.

A partir daqui será abordas as transformações sócio-econômicas e ambientais ocorridas no espaço do município de Mozarlândia.

3.6_ UMA NOVA REALIDADE SOCIOECONÔMICA EM MOZARLÂNDIA

Após a instalação do frigorífico Bertin, o município de Mozarlândia recebeu um fluxo muito intenso de pessoas em busca de oportunidades e novos horizontes, pode-se dizer que esse município teve um ãinchaço populacionalö, pessoas oriundas de diversas localidades do país vieram para aqui em busca de trabalho. O município de Mozarlândia recebeu em torno de 3000 imigrantes. (GOIAS. 2006)

Convém afirmar que, analisando a nova realidade social e econômica de Mozarlândia, após a instalação do frigorífico Bertin, houve tanto impactos positivos quanto negativos. Aqui inicialmente serão abordados os aspectos positivos e posteriormente os negativos.

O grande fluxo de imigrantes que o município de Mozarlândia recebeu, contribuiu para o desenvolvimento da cidade. Hoje, nota-se um considerável e constante crescimento do espaço urbano da cidade. Surgiram diversas lojas e serviços que contribuíram para a geração ainda maior de empregos. Grandes empresas começaram a chegar à cidade de Mozarlândia, para assim poder atender melhor a população em crescimento (Tabela 6).

Estabelecimento	Quant. que já existia antes da abertura do frigorífico	Quant. Que surgiu após a abertura do frigorífico
Bares e botequins	20	168
Lojas de conveniências e roupas	19	122
Mini shopping	--	1
Imobiliárias	--	5
Restaurantes	1	5
Lanchonetes	3	14
Bancos	3	1
Supermercados	6	16
Padarias	6	10
Mecânicas e autopeças	3	16
Lava jatos	--	9
Lojas de moveis	3	9

Tabela 6: Quantidade de estabelecimentos que já existiam na cidade anterior a implantação do Frigorífico e quantidade que abriram após a implantação.
Fonte: Coletoria do Município de Mozarlândia-GO

Não só Mozarlândia, como também todos os municípios em volta e, de forma geral a região por inteira teve um grande desenvolvimento econômico, esse se deve em contrapartida ao grande número de trabalho ofertado pelo frigorífico. São 2.244 pessoas que trabalham diretamente para essa indústria, sem falar dos empregos indiretos que ela proporciona.

Pode-se afirmar que dos 2.244 empregos que são gerados pelo frigorífico em contra partida temos um número três vezes maior de trabalhadores que são empregados nas cidades em que possuem funcionários da empresa (Mozarlândia, Araguapaz e Nova Crixás). Isso se deve a necessidade de alimentação, moradia, bens e serviços que essas pessoas necessitam. Portanto, faz com que o comércio cresça e se desenvolva para atender a essa demanda de pessoas. Em Mozarlândia que é a cidade mais beneficiada pela instalação do frigorífico, tem 1.646 pessoas trabalhando para essa indústria, isso significa que no comércio local há pelo menos outras 4.500 pessoas que são beneficiadas indiretamente, pois gera empregos para atender a essa demanda de trabalhadores do frigorífico. (SOUZA. 2002)

O frigorífico é uma fonte valiosa de trabalho e renda para o município, pois impulsiona o comércio e as vendas, atrai pessoas aumentando assim a população do município e conseqüentemente a área urbana. De forma indireta sobre as melhorias econômicas, vale aqui comentar sobre o confinamento do grupo criado em Aruanã.

O confinamento no município de Aruanã além de ter sido uma solução econômica para o frigorífico Bertin, em Mozarlândia, foi também propulsor de transformações em toda a microrregião de São Miguel do Araguaia e municípios próximos. Por meio do confinamento surgiram empregos para um grande número de pessoas de Aruanã e cidades vizinhas. Os confinamentos, de modo geral, se tornaram opção dos criadores de gado que em tempos de seca e falta de chuva vendem o gado para o confinamento, não tendo que se preocupar com as dificuldades de engordar esse animal em períodos em que as pastagens já não estão tão verdes.




AEROPORTOS E AERÓDROMOS DO ESTADO DE GOIÁS



SEPLAN
Superintendência de Estatística
Pesquisa e Informação

GOVERNO DE GOIÁS
SECRETARIA DO PLANEJAMENTO
E DESENVOLVIMENTO

LEGENDA:

-  Aeroportos em operação
-  Aeródromos em operação
-  Aeródromos a serem homologados

Fonte: SEINFRA

Mapa 2: Aeroportos e Aeródromos do Estado de Goiás.

O mapa mostra o Aeródromo implantado no Município após a instalação frigorífica.

Fonte: <http://www.seplan.go.gov.br/>

Os agricultores da região também foram favorecidos, pois os bois confinados são alimentados com os produtos da lavoura, sendo assim, o confinamento também incentivou a produção agrícola.

A pecuária também se desenvolveu na região, uma vez que é o boi a matéria-prima da indústria, os produtores e criadores de gado investiram ainda mais na nesse segmento, aumentando as áreas pastoris de suas fazendas e realizando melhorias para atender as exigências que são impostas pelos países compradores de carne do frigorífico. Como já foi mencionado aqui o município de Mozarlândia, segundo o Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento (MAPA), possui 14 fazendas habilitadas para exportar para a União Europeia. Mozarlândia deixa de ser um município voltado apenas para a cria e engorda de bovino, passa também a atuar no processo de abate, assim sendo o boi passa a ser vendido no local.

Outro ponto positivo que o grande fluxo de migrantes, provocou em decorrência da implantação do frigorífico Bertin, foi à valorização dos imóveis, uma vez que a procura por moradia é grande e o valor das construções aumentou consideravelmente.

Devido à instalação do frigorífico houve também a qualificação da mão-de-obra no município. Dentre os serviços oferecidos pela Bertin, há diversos cargos além de manipulação de alimentos, essa indústria necessita, para sua produção e funcionamento, além de manipuladores de alimentos, precisa de eletricitas, mecânicos, soldadores, segurança, analistas, empilhadores, todo um conjunto de pessoas para a administração e gerenciamento, além de engenheiros e técnicos que cuidam da qualidade do produto. Ao longo desses nove anos de Bertin, em Mozarlândia, muitas pessoas que moravam na cidade foram para outros locais estudar e se qualificar, algumas voltaram mais qualificadas para poderem ter uma chance melhor de serviço em sua cidade de origem, sendo um desses novos locais de oportunidade é o frigorífico.

Como pode ser observado, até o presente momento o frigorífico permitiu um rápido crescimento econômico na cidade, elevação demográfica da população, crescimento do comércio, valorização das moradias e qualificação da mão-de-obra. A partir desse momento, serão apontados também os impactos negativos ocasionados também por essa indústria.

O município de Mozarlândia não apenas cresceu, mais cresceu de forma desordenada, porque no momento em que a cidade começa a receber os imigrantes, ela não possui estrutura para isso, então houve o alojamento dessas pessoas de maneira desarranjada.

Em contrapartida ao rápido crescimento que o frigorífico trouxe, foi uma dificuldade muito grande para o município de Mozarlândia na questão financeira, o orçamento do município é pequeno para arcar com o impacto populacional que houve. Nesse sentido, o município de Mozarlândia passou a ter uma maior necessidade de serviços básicos como saúde, educação, lazer, cultura, e o governo do município encontra dificuldades para oferecer esses itens que são necessários à comunidade. Se tornar necessário, nesse sentido, a ampliação da infraestrutura pública municipal.

Vale ressaltar, na questão da saúde, uma população em constante crescimento e uma carência enorme no sistema de saúde do município, os hospitais da cidade contam com recursos mínimos para atendimento, deixando a desejar. A demanda de pessoas que procuram atendimento médico nos hospitais é bem maior do que o município consegue atender. (Ver anexo B. Informação verbal_ Entrevista Nº 4).

Houve também em Mozarlândia uma demanda muito grande na questão de segurança, o pequeno e seguro município que um dia Mozarlândia foi, já não se encontra mais tão seguro assim. Os roubos e assaltos aumentaram consideravelmente nas residências, no comércio e nas fazendas. Antes as pessoas saíam de suas casas mais despreocupadas, sem medo de andar pela rua e serem assaltadas, Mozarlândia vivencia hoje assaltos, brigas, espancamentos até mesmo dentro dos lares. Pode-se dizer que isso se deve a não adequação do sistema de segurança pública, a falta de um policiamento em maior escala e com eficiência, que atenda a população.

O tráfico de drogas na cidade também foi associado à implantação do frigorífico. Uma vez que foi deflagrada uma operação envolvendo o tráfico de cocaína na cidade de Mozarlândia, que recebeu um nome peculiar de **NELORE BRANCO**. O nome jocoso foi escolhido após escutas realizadas em grampos telefônicos da quadrilha. Que utilizavam o codinome ãNELORE P.O. (Puro de Origem)ö. Para se referirem à cocaína. Os traficantes se passavam por compradores/revendedores de gado.

A operação aprendeu sete traficantes no Município, Oito na cidade de Araguapaz-GO e três na cidade de Goiânia-GO, incluindo o chefe da quadrilha, que

apesar de ser morador da cidade de Mozarlândia, havia evadido para a capital, afim de evitar a prisão.

Outra consequência em decorrência do frigorífico foi o aumento da prostituição no município. Observa-se que muitas pessoas que vêm a Mozarlândia em busca de emprego, vêm sem suas famílias e, isso tem um efeito que é o aumento da venda do corpo, caracterizando um problema social que se agrava no município. Algo que procuramos não aprofundar em nossa pesquisa.

Mas de acordo com LIMA (2009) o número de casas que ofereciam este tipo de serviço aumentou consideravelmente, diante do dinheiro que passou a girar na região, e é claro do aumento de jovens e adultos (homens), que vieram para a cidade de passagem ou de mudança muitas vezes desacompanhados de suas famílias. Outro fato interessante, é que as casas de prostituição eram registradas como "Churrascarias". Neste cenário Mozarlândia passou a configurar como "A Capital da Carne" em dois sentidos: a carne bovina e a carne humana.

Tem-se também de um lado a valorização do imóvel e, do outro, como ponto não tão positivo é a questão da especulação imobiliária. O valor dos alugueis, devido à alta procura aumentou consideravelmente, comparado com o das cidades vizinhas. Embora na cidade acontecesse a abertura de inúmeros setores, esses não atendem a todas as necessidades dos moradores, muitos desses setores não possuem asfalto, iluminação adequada ou rede de esgoto, sendo assim carecem de uma administração pública com condições de atender a essa demanda crescente de setores.

As transformações ocorridas na cidade de Mozarlândia mostram a dinâmica contínua e ininterrupta do homem e da sociedade. Nesse processo ele produz e retira do espaço o que necessita para a sua vida e da comunidade com a qual coabita. Essas mudanças se revelam acompanhadas no desenvolvimento da cidade, provocadas pelas transformações econômicas com a instalação do Frigorífico Bertin. (SOUZA, 2002, p.13)

Portanto, ao crescer economicamente e demograficamente, o município de Mozarlândia encontrou problemas diversos que são consequências de um rápido desenvolvimento.

3.7_ OS IMPACTOS AMBIENTAIS DO FRIGORÍFICO BERTIN EM MOZARLÂNDIA

Antes de ser falado de impactos ambientais se faz necessário definir esse termo. Segundo o Conselho Nacional de Meio Ambiente (Conama), impacto ambiental seria qualquer alteração das propriedades físicas, químicas ou biológicas do meio ambiente, causada por qualquer forma de matéria ou energia resultante da atividade humana (Resolução nº 001/86).

O frigorífico Bertin, de forma indireta, contribui para o avanço da pecuária e, a pecuária, por sua vez, contribui para o desmatamento na região. A pecuária no Brasil hoje é uma das grandes responsáveis pelo desmatamento. Muitas vezes esses desmatamentos ocorrem de forma desordenada, os criadores, na maioria das vezes, desrespeitam a legislação ambiental e acabam por **derrubar a mata** nativa e nesse lugar estender seus pastos para a criação bovina, o gado por sua vez ao ser criado muito próximo a córregos, por exemplo, acaba provocando o assoreamento nesses cursos de água.

A respeito dessa cadeia de comentada acima: frigorífico pecuária desmatamento, Liciomar Fernandes da Silva, Juiz da Comarca de Mozarlândia-GO (informação verbal 1), comenta que:

Essa indústria alimenta outras cadeias que necessita dela para sobreviver e o frigorífico também necessita dessa outra cadeia. A partir do momento que se instala uma indústria frigorífica em uma região ela precisa de gado para abater, e esse gado precisa de pasto para comer, e esse pasto ao avança nossas planícies acaba por derrubar árvores, sendo assim provoca o desmatamento, já por sua vez o desmatamento pode se ordenado ou desordenado. E como a gente observa que não existe uma fiscalização em nosso município, não aqui mais em quase todos os municípios do país, eles começam um desmatamento desordenado e com isso afeta nossa fauna e nossa flora, ou seja, são animais que morrem, são árvores que morrem e que jamais voltaram a sua existência como era antes. Agora o que nos observamos nesse caso é um avanço da economia sobre nosso território, e uma diminuição do meio ambiente.

Além de todo esse prejuízo ambiental em cadeia, conforme foi mencionado, ainda pode-se colocar o gado bovino como grande contaminador do meio ambiente. A pecuária é uma das maiores fontes de gases causadores do efeito estufa no Brasil.

Segundo o IBAMA, os ruminantes herbívoros, como os bovinos, produzem grande quantidade de metano, um dos principais causadores do efeito estufa. O Brasil possui o segundo rebanho bovino do mundo, depois da Índia. Portanto, o Brasil é um dos maiores contribuintes para a emissão de metano. O gado Brasileiro contribui com 29% do volume de metano emitido no território, seja pela fermentação no processo digestivo ou pelos dejetos.

Entre os impactos ambientais que podem se observados no município de Mozarlândia, um é o mau cheiro que essa indústria exala no ar. O setor de graxaria, onde são incineradas as partes não aproveitáveis do gado, o Material de Risco Específico (MRE) e o sangue para a fabricação de graxa, quando em funcionamento, além de provocar mau cheiro nos setores próximos e até mesmo no centro da cidade, de suas chaminés é eliminada diariamente a fumaça causada pela incineração. Esse fato pode ser observado na (Foto 08).



Foto 08: Uma das chaminés do frigorífico Bertin em funcionamento.
Fonte: Acervo do próprio pesquisador

Não se pode afirmar que essa fumaça que é liberada pelo setor de graxaria do frigorífico Bertin seja poluente quando lançada no ar, mas a população reclama constantemente do odor forte que ela causa.

Em seus processos de fabricação, o frigorífico também utiliza de madeira na caldeira para aquecer a água necessária dentro da indústria. Pode-se colocar isso como uma forma de economizar, uma vez que o ideal seria o gás natural, porém esse seria um processo mais caro e não é viável para essa indústria gastar mais sendo que tem um meio natural mais viável financeiramente. João Batista de Souza, (informação verbal 2), (ver anexo) em entrevista comenta:

A gente ver caminhões e caminhões de madeira, de árvores cortadas chegando ali, nos sabemos que o IBAMA tem uma fiscalização medíocre, muito fraca em questão a observar que se essas árvores estavam em pé ou caídas, que a regra diz que tem que ser as que estão caídas, mas a gente tem certeza olhando madeira você percebe que ainda esta verde, recém cortadas, então nos estamos vendo o cerrado indo para os cofres de empresas particulares e essa preocupação, essa política ambiental acaba não prevalecendo na empresa particular.

Não é apenas o frigorífico Bertin que utiliza madeira em sua caldeira para funcionamento. No Brasil, existem diversas outras indústrias que fazem o uso da madeira no mesmo processo, não se importando com a degradação das matas ou com o meio ambiente.

Para essas indústrias, quanto mais barato o processo de fabricação, maior será o lucro. Essas grandes empresas esquecem que os recursos naturais não são renováveis, ao invés, de adotarem práticas que proporcionem o desenvolvimento sustentável, elas optam por produzir sem preocupações com o meio ambiente.

Mozarlândia é uma cidade que possui em seus contornos uma numerosa quantidade de córregos e lagos, o crescimento urbano desordenado provocado pela vinda de imigrantes para trabalhar no frigorífico, provocou um aumento do espaço urbano da cidade que cresceu tanto, chegando próximo a diversos córregos que se encontravam por sua vez, próximos a cidade. Com o desmatamento que houve próximo á esses córregos, para a construção de casas, boa parte deles está deixando de existir. A

(Foto 09), do córrego da Fogueira, em uma de suas partes que fica próximo a cidade, o desmatamento próximo a suas margens para construções civis, provocou o estreitamento do curso de água.



Foto 09: Córrego da Fogueira

Fonte: Acervo do próprio pesquisador. 02 de Jun. de 2013.

Todas as colocações apresentadas levam a refletir, de um lado tem-se uma população ativa que vê o frigorífico depredando diretamente e indiretamente os meios de naturais, causando impactos que muitas vezes são irreparáveis do outro tem-se o frigorífico que de posse de toda uma documentação verdadeira, e que autoriza que tais práticas continuem acontecendo. Será que o homem realmente tem se importado com o meio ambiente? Será que não se percebe que em seus processos de produção de alimento mal conduzidos esta se degradando a natureza?

Há a necessidade, nos dias atuais, de não apenas pensar nos problemas ambientais e em suas causas, mas também, buscar soluções que conduzam a um desenvolvimento sustentável e, assim posteriormente, não interfira ou agrida os recursos naturais.

ANALISE DOS DADOS COLETADOS

De acordo com Os dados coletados na pesquisa campo, e com base nas entrevistas de moradores do município de Mozarlândia. A cidade sofreu sim mudanças no âmbito social, ambiental, econômico, e estrutural. Tais mudanças são decorrentes da implantação, em 2000, do Frigorífico Bertin. Frigorífico este que foi considerado o maior frigorífico da América Latina por seis anos.

A pesquisa considerou apenas o Frigorífico Bertin e não sua fusão e, conseqüentemente, sua venda ao Grupo Friboi, pois a estrutura montada e os funcionários, principalmente administrativos, permaneceram os mesmos do grupo já construído pelo Bertin.

Algumas das mudanças ocorridas se deram logo em sua instalação. A Rodovia GO-164, Km 167, entrada da Cidade de Mozarlândia se tornou um imenso canteiro de obras, cujo único objetivo era erguer ali o maior frigorífico da América Latina. Grande parte dos trabalhadores desta construção não eram cidadãos mozarlândenses e necessitaram alugar um local para pernoitarem. O valor e a construção de casas destinadas ao aluguel aumentaram consideravelmente. Alguns locatários investiram também na construção de kitnets.

Assim que finalizada a construção, o frigorífico iniciou suas atividades em 01 de Junho de 2000. E para oferecer aos novos trabalhadores, alguns de outros estados e até do exterior. Começou a se construir uma gama rede econômica. Comércio teve que se adaptar, ampliando-se e diversificando, buscando a oferecer aos novos trabalhadores do Grupo Bertin uma gama de produtos e serviços.

A economia da cidade que antes estava estagnada passou a girar em torno do frigorífico e dos serviços advindos dela, como Abertura de novos Supermercados, restaurantes, farmácias, lojas. E a instalação da Caixa Econômica Federal, Construção de um centro comercial e um Shopping, além da criação de e ampliação de novos setores da cidade.

Porem a abertura do frigorífico não trouxe apenas benefícios à cidade. Alguns pontos factuais do processo de crescimento da cidade. Como Serviços de saúde, educação e segurança não foram ampliados de acordo com a nova demanda. Houve a construção de 2 (dois) novos postos PSF (programa de Saúde da Família), e mais um,

está em construção. Mas há somente 1 (um) hospital, que é público. Houve a abertura de 3 (três) laboratórios particulares, e 2 (duas) clínicas, também particulares.

As escolas também não acompanharam a crescimento da cidade. Sendo criada apenas 1 (uma) escola particular, que atende crianças do primário á 1º série. Totalizando o numero de 6 (seis) escolas publicas e 2 (duas), particulares.

Os índices de criminalidade também cresceram. Faltando viaturas e as algumas vezes até contingente policial, para conte-los.

Uma construção tal como é o frigorífico há de crer que se tenha pensado no impacto ambiental que a mesma geraria. Porem há uma grande dúvida quanto à poluição do ar, dispersa pelas chaminés das caldeiras do frigorifico. E quanto a dispersão dos resíduos sólidos e líquidos.

Mas é de extrema importância ressaltar aqui, que como foi relatado nas entrevistas o impacto ambiental percebido, foi advindo do crescimento populacional da cidade. Como o assoreamento e o desmatamento das matas ciliares, extinção de nascentes e poluição. Não foi relatado pelos entrevistados impactos ambientais gerados diretamente pelo frigorífico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o intuito de analisar a realidade atual do município de Mozarlândia, no âmbito sócio-econômico e ambiental após a implantação do frigorífico Bertin, o presente trabalho de conclusão de curso foi realizado através de pesquisas variadas.

Foi de valiosa ajuda uma análise da formação do território brasileiro, de como a pecuária se desenvolveu e esparramou por suas extensões territoriais de forma extensiva. Possibilitando o desenvolvimento desta forma econômica, ao que conhecemos hoje, e é nosso objeto de pesquisa neste trabalho. É importante frisar que apesar de bem restáveis, os confinamentos de gado não são os maiores fornecedores de gado aos frigoríficos. Ou seja, grande parte do gado abatido nas unidades frigoríficas, incluindo o Bertin, ainda emana da pecuária extensiva.

Ao se estudar o território brasileiro foi pesquisado sobre o processo histórico de ocupação e formação no qual a pecuária se fez presente, ao lado de outras economias e também como economia principal. Também foi de valiosa importância um estudo do Estado de Goiás, abordando a chegada da pecuária e seu desenvolvimento após a economia aurífera. Nesse contexto verificou-se a pecuária **como a grande fixadora** do homem no solo, através das atividades pastoris, o homem encontrou-se com o espaço agrário, tornando produtivo para sua existência.

Foi feita também uma coleta de dados minuciosa sobre o município de Mozarlândia, cenário onde as transformações espaciais em decorrência do frigorífico Bertin aconteceram. Mozarlândia, até o ano de 1999, era tida como uma cidade interiorana, sem muitas expectativas de melhorias.

O frigorífico caracteriza-se como uma indústria de grande porte que atende ao mercado nacional e preferencialmente aos mercados externos em busca de lucros mais altos.

A unidade do Grupo Bertin instalada no município de Mozarlândia, tem porte e estruturas adequadas para o fornecimento de carne bovina para vários países do globo. Todo o material e maquinário, utilizados no processo de fabricação dentro da indústria atendem a padrões de qualidade internacionais.

O frigorífico Bertin também encontrou muitas facilidades ao se instalar em Mozarlândia, como a qualidade e abundância dos rebanhos bovinos, do Estado de Goiás, próximas a essa unidade. Conforme Mark comentou, essas facilidades tentem a diminuir o preço de se produzir, podendo assim a indústria ser mais competitiva no mercado, em relação a outras que não encontram tantas facilidades.

Mesmo o Brasil não se encontrando dentro da relação dos países mais desenvolvidos, ele com toda a certeza, esta entre os que possuem os melhores rebanhos bovinos. A qualidade do gado brasileiro é reconhecida e comprovada, é devido a esse motivo que no território nacional existe um grande número de frigoríficos, confinamentos, fazendas e outros estabelecimentos agropecuários.

Ao se analisar a espacialidade de Mozarlândia, percebe-se a grande importância econômica, que o frigorífico Bertin tem para com o município, e também para com toda a região. A unidade frigorífica do grupo não é apenas fonte de empregos, e também fonte de melhorias econômicas em toda a região.

Ainda sobre os aspectos econômicos que se modificaram no município de Mozarlândia, após a chegada do frigorífico, pode-se dizer que esse foi uma peça fundamental para colocar Mozarlândia no mapa, a economia do município deu um salto gigantesco.

Empresas e indústrias diversas de pequeno porte começaram a fazer parte do espaço urbano da cidade, portanto, ampliou-se a área comercial, boa parte dessas ao se instalarem em Mozarlândia passaram a oferecer bens e serviços que até o ano de 1999 ainda não existiam no local, fazendo-se necessário recorrer a municípios vizinhos e a Goiânia devido a concentração e a centralidade dos mesmos no Estado de Goiás.

Hoje, o município de Mozarlândia conta com número maior de lojas, bancos, prestadores de serviços técnicos e especializados, hospitais, creches, escolas serviços públicos entre tantos outros mais.

Apesar de todas essas melhorias no comércio e na economia da cidade de Mozarlândia, é perceptível que devido o fato da população ter crescido em ritmo muito acelerado, o poder público municipal não está conseguindo atender com todo êxito necessário o cidadão mozarlandense, deixando a desejar na área de educação, saúde, saneamento básico (redes de esgoto), prestação de serviços entre outros. Essa pesquisa não está discordando que houve crescimento em todas essas áreas, o que acontece é que, mesmo com as melhorias que ocorreram, essas ainda não são suficientes para atender a toda a população de Mozarlândia.

A economia de Mozarlândia é hoje tida como uma das que mais cresce no Estado de Goiás. Portanto, economicamente o frigorífico Bertin, causou mais transformações positivas do que negativas.

Já quando se abordam as questões sociais pode-se dizer que o peso na balança ao pensar em mudanças positivas e negativas, é igual. A indústria beneficiou a cidade, pois fez a cidade crescer, ter uma abundância maior de profissionais e mão-de-obra

qualificada. Mas, por outro lado, têm-se os pontos negativos, com o crescimento populacional que houve em Mozarlândia, cresceu também a criminalidade. Diferente da cidade calma e tranquila que foi há quase uma década atrás, hoje, acontece muitos assaltos, roubos, violência entre outros.

Outra questão que deve se apontada, é a do tráfico de entorpecentes, apontado até mesmo por alguns entrevistados, conforme pode ser observado no (Anexo B). O município de Mozarlândia ao receber esse contingente de pessoas em busca de oportunidade, também recebeu um grande número de usuários de drogas, e conseqüentemente de traficantes. O número de usuários de drogas na cidade é tão elevado, que houve a necessidade de medidas para amenizar o problema, como a criação de um centro de reabilitação do jovem na sociedade com o intuito de retirá-lo do mundo das drogas e um policiamento mais eficaz.

Quanto às transformações ambientais que essa indústria causa no município de Mozarlândia, certamente tiveram maior peso de modo negativo. O perímetro urbano constantemente é invadido pelo mau cheiro que se exala de suas chaminés, o que é difícil dizer e se essa fumaça polui realmente o ar, pois, desde que o frigorífico foi instalado no município nunca foi feito um estudo nem mesmo por parte dos órgãos ambientais, para comprovar essa hipótese.

Há também, a questão que com o fluxo constantes de imigrantes para a cidade, que fez aumentar a área urbana, que conseqüentemente, invadiu e causou diminuição do curso de água dos córregos e lagos próximos a cidade, devido ao desmatamento de suas margens para a construções civis e também pela poluição.

Também foi analisada a questão da utilização de madeira na caldeira do frigorífico, essa por ser um meio mais barrado do que o gás natural se tornou preferência de boa parte das indústrias em geral principalmente as do interior, que escolhe tais locais para se instalarem por não haver uma fiscalização tão eficaz.

Ao se analisar as transformações que o frigorífico Bertin causou no município de Mozarlândia pode-se observar que, em termos, que o frigorífico Bertin, sem dúvida foi propulsor de grandes transformações econômicas mais positivas do que negativas para a cidade de Mozarlândia. Por um lado temos uma cidade, que diante da necessidade de uma injeção financeira. Viu na implantação da unidade Frigorifica a chance de alcançar sua expansão nos IDH_ Índice de Desenvolvimento Humano. Uma vez que não ouve projetos, nem políticas de planejamento social, para conter os chamados pontos negativos do progresso. Foram priorizados apenas os benefícios econômicos que tal implantação traria. Por outro lado, temos uma empresa que trouxe

grandes problemas sociais para o município. Uma vez que não houve projetos, nem políticas de planejamento social, para conter os chamados pontos negativos do progresso. Foram priorizados apenas os benefícios econômicos que tal implantação traria. E alguns problemas ambientais comprovados e outros que poderiam ser comprovados e montadas ações para amenizar a situação se os órgãos de fiscalização brasileira enfocassem melhor a questão ambiental.

Questiona-se assim a situação a seguir: até que ponto buscar um quantitativo de alimentos para alimentar bocas que aumentam todos os dias, aí entra a questão da alimentação, a que proporção está crescendo, e a população a que ponto está crescendo, se esta sendo proporcional, será que compensa buscar essa expansão de áreas plantadas e de áreas de pastagens, em detrimento do nosso meio ambiente.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Capistrano de. **Capítulos de história colonial (1500-1800)**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Publifolha, 2000. (Coleção Grandes nomes do pensamento brasileiro).
- ALENCASTRE, José Martins Pereira. **Anais da província de Goiás**. Gráfica Ipiranga LTDA. 1ª Edição. Brasília, 1979.
- ANDRADE, F. Alves de. **Geografia Ativa do pastoreio**: A problemática zootécnica frente à estrutura Agrária. Revista do Instituto do Ceará. 1974. Disponível em: <http://www.institutodoceara.org.br/Revapresentacao/RevPorAno/1974/1974GeografiaAtivadoPastoreio.pdf>. Acessado em: 06 jun. 2013.
- ARRAIS, Tadeu Alencar. **Geografia contemporânea de Goiás**. Goiânia: Vieira, 2004.
- BARREIRA, Celene Cunha Monteiro Antunes. **Região da Estrada do Boi**: Usos e abusos da natureza. Goiânia: UFG, 1997.
- BERTRAN, Paulo. **Formação econômica de Goiás**. Goiânia: Oriente, 1978.
- BORGES, Barsanulo Gomides. **Goiás nos quadros da economia nacional: 1930-1960**. Goiânia: UFG, 2000.
- _____. **O despertar dos dormentes**: Estudo sobre a Estrada de Ferro de Goiás e seu papel nas transformações das estruturas regionais: 1909-1922. Goiânia, Cegraf, 1990.
- BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. **Conselho Nacional do Meio Ambiente**. Resolução CONAMA nº 001, de 23 de janeiro de 1986. Publicado no D. O. U. de 17 /2/86.
- CHAIM, Marivone Matos. **Sociedade Colonial (Goiás 1749 ó 1822)**. Ministério da Cultura: Instituto do Livro, 1987.
- ESTEVAM, Luiz. **O tempo da transformação**: Estrutura e Dinâmica da Formação Econômica de Goiás. Goiânia: UCG, 1998.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio Século XXI Escolar**: O minidicionário da Língua portuguesa. 4. Ed. rev. ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.
- FERREIRA, Idelvone Mendes & MENDES, Estevane de Paula. **A organização do espaço agrário em Goiás**: Povoamento e colonização (do século XVIII ao XX). (XIX Encontro Nacional de Geografia Agrária), São Paulo, 2009. Disponível em: http://www.geografia.fflch.usp.br/inferior/laboratorios/agraria/Anais%20XIXENGA/artigos/Ferreira_IM.pdf. Acessado em: 23 set. 2014.
- GOÍAS. Secretaria de Indústria e Comércio do Estado de Goiás (SEPAN). **PROJETO SE LIGA**, Mozarlândia ó GO. Governo Itinerante. Goiânia: Type Propaganda, 2003.

GOIÁS. SEPLAN (Secretaria de Indústria e Comércio do Estado de Goiás). **Estado de Goiás no contexto nacional**. 2008. Disponível em: http://www.seplan.go.gov.br/sepin/down/goias_cn_2008.pdf. Acessado em: 02 jun. 2014.

LIMA, José Alberto Evangelista de. **Município de Goiás: uma análise da fragmentação territorial**. Dissertação (mestrado em Geografia), Universidade Federal de Goiás, Instituto de Estudos Sócio-Ambientais, 2003.

LIMA, Kacia Taciana Ferreira. **Mozarlândia: A Capital da Carne sobre diferentes olhares**. Monografia (graduação em Licenciatura em História), Universidade Estadual de Goiás, Goiás, 2009.

LINHARES, Maria Yedda Leite. **Pecuária, Alimentos e sistemas agrários no Brasil (Séculos XVII e XVIII)**. UFRJ. 1995. Disponível em: http://www.historia.uff.br/tempo/artigos_livres/. Acessado em: 23 out. 2014.

LISITA, Cyro. **Fronteira e Conflito: O processo de Ocupação de Terras de Goiás**. In Boletim goiano de Geografia. Volume 16 ó nº1. 1996. Disponível em: <http://www.revistas.ufg.br/index.php/bgg/article/view/4317/3783>. Acessado em 23 out. 2014.

MACEDO, Luís Otavio Bau. **Modernização da pecuária de corte bovina no Brasil e a importância do crédito Rural**. 2006. Disponível em: <ftp://ftp.sp.gov.br/ftpiea/publicações/seto2-0706.pdf>. Acessado em: 02 jul. 2014.

MARK, Karl. **O capital: Crítica da economia política**. Livro terceiro: O processo Global de produção capitalista. Volume IV. Civilização Brasileira: Rio de Janeiro, 1974.

MENEZES, Paulo Elpídio de. Neto. **Relações de poder e dominação no Nordeste colonial**. 1991. Disponível em: <http://www.institutodoceara.org.br/Rev-apresentacao/RevPorAno/1991/1991-RelacoesdePodereDominacaonoNordesteBrasileiro.pdf>. Acessado em: 04 jun. 2014.

MORAES, Marcos Antonio de. & FRANCO, Paulo Sérgio Silva Franco. **Geografia Econômica: Brasil de Colônia a Colônia**. Campinas: Átomo, 2005.

NASCIMENTO, Maria Amélia Leite Soares do. **O meio físico do Cerrado: Revisitando a produção teórica pioneira**. In: ALMEIDA, Maria Geralda de. (org). **Abordagens geográficas de Goiás: O natural e o social na contemporaneidade**. Goiânia: IESA, 2002.

PALACÍN, Luiz. & MORAES, Maria Augusta de SantøAnna. **História de Goiás (1722-1972)**. 7ª Edição. Goiânia: UCG-Vieira, 2008.

PRADO JUNIOR, Caio. **Formação do Brasil Contemporâneo**. 23ª edição. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1994.

RODRIGUES, Davidson de Oliveira. **Colonização portuguesa, escravismo e atividades econômicas: Breve balanço historiográfico**. UFMG, 2006. Disponível em:

<http://www.fafich.ufmg.br/pae/apoio/colonizacaoportuguesaescravismoeeatividadeseconomicas.pdf>. Acessado em: 02 jun. 2014.

SANTANA, Marcelo M. **Assimetrias no padrão produtivo rural goiano**. 2005. Disponível em: <http://www.unipinhal.edu.br/biblioteca/index.php>. Acessado em 20 mai. 2014.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: espaço e tempo ó razão e emoção**. São Paulo, Hucitec, 1999. SEPLAN/SEPIN. Relatório sobre o perfil dos municípios goianos, 2005,2008.

SOUZA, Cibeli de. & CARNEIRO, Maria Esperança Ferreira. **Retrospectiva histórica de Goiás da Colônia à atualidade**. Goiânia: Livraria Cultura, 1996.

SOUZA, Francilane Eulália de Souza. **Encantos e desencantos na fronteira agrícola do Cerrado: Transformações e perspectivas na COPAMIL (Cooperativa Agrícola Mista Iraí Ltda)**. Dissertação (Mestrado em Geografia), Universidade Estadual de Goiás. Goiânia, 2003.

SOUZA, João Batista de. (org) **Impacto Econômico e Ambiental do Frigorífico Bertin em Mozarlândia**. Monografia (graduação em Gestão Pública), Universidade Estadual de Goiás, Goiás, 2002.

VALVERDE, Orlando. **Estudos de geografia agrária brasileira**. Petrópolis: Vozes, 1985.

ANEXOS

ANEXO A - Imagens do frigorífico Bertin ó unidade de Mozarlândia.

Fonte: Acervo do próprio Pesquisador.



Logotipo da Bertin S.A



Entrada do Frigorífico Bertin



Curral do frigorífico Bertin- Segue exigências dos países exportadores



Corredor para o abate bovino



Abate do frigorífico Bertin



Câmara de Resfriamento de meias-carcaças



Linha do osso: local onde as meias-carcaças são desossadas



Departamento de desossa do frigorífico Bertin (onde as peças de carne bovina recebem modelação ou formato)



Departamento de desossa



Câmara de congelamento de produtos acabados



Forma de embarque de produtos resfriados para processamento



Forma de embarque de produtos resfriados e congelados para mercado ou mercado externo.

ANEXO B - Roteiros das entrevistas realizadas com a gerência do frigorífico Bertin, com lideranças locais e com moradores do município de Mozarlândia.

As entrevistas aqui expostas, mantêm a fidelidade das informações verbais fornecidas pelos entrevistados.

Roteiro de Entrevista 01:

Entrevistada: **Ana Lúcia Moreira Favaretto** ó Gerente de Produção Frigorífico Bertin
Entrevista cedida em Junho de 2013

1. O frigorífico Bertin iniciou suas atividades no município de Mozarlândia no ano 2000, você saberia me dizer mais especificamente a data em que suas atividades começaram?

Ana Lúcia: O primeiro abate foi em 01 de junho de 2000.

2. Em sua opinião, quais foram os motivos que levaram o município de Mozarlândia a ser o escolhido para a implantação do frigorífico Bertin?

Ana Lúcia: Foi feito um estudo juntamente a inteligência do grupo, uma vez que não convém para a empresa abrir um frigorífico onde não se tenha a matéria-prima necessária, nesse caso o boi. Aqui foi feito um levantamento a partir da estrutura da quantidade de bovinos que teríamos na região, em um raio de 300 km no máximo 350 km, onde teríamos não uma abonaça de bovinos, mais sim grandes criadores, com tendências de sempre aumentar. Dessa forma foi feita uma pesquisa de mercado para selecionar o melhor local para ser feita a planta.

3. Havia além de Mozarlândia outro local que era preferência para ser feita a planta?

Ana Lúcia: Sim, havia sim outro local. Estava cotada entre Mozarlândia e Nova Crixás. Ao que me parece houve algum incentivo municipal ou estadual. Mas nessa particularidade não sei lhe dizer.

4. Quais as melhorias e retrocessos imediatos que o município de Mozarlândia vivenciou logo após a chegada do frigorífico?

Ana Lúcia: Hoje apesar de nossa cidade ser uma cidade pequena que falta alguns tipos de recurso, como você mesmo sabe, quando eu estive aqui no final de 1999, para conhecer Mozarlândia, que foi quando me ofereceram a transferência no grupo, a cidade era muito precária em muita coisa, a começar pela limpeza na cidade. Penso sim que o frigorífico trouxe alguns transtornos para algumas pessoas, e benefícios para outras, alias trouxe mais benefícios do que outra coisa.

5. Alguns anos após sua implantação, a unidade de mozarlândia passa por reformas e ampliação em sua planta industrial. Em sua opinião, quais os motivos que levaram o grupo a investir ainda mais nessa unidade? Você se lembra a data dessas reformas e ampliações?

Ana Lúcia: Essas reformas aconteceram em 2004 e finalizaram em 2005, momento em que fizemos as ampliações das câmaras frias e dos currais para um abate maior. A planta em seu projeto inicial foi projetada para 2000 carcaças dias de abate e desossa mais como não se tinha ainda a certeza e a garantia de que essa quantidade de boi seria atendida eles não disponibilizaram câmaras frias e currais. A partir do momento que se começou a ter a oferta do boi, os confinamentos começaram a andar, a oferta da mercadoria começou a ser maior então houve-se a disponibilidade de se esta aumentando a capacidade da planta na parte dos currais onde os bois não poderiam ficar misturados devido às legislações existentes de cada país e as câmaras frias para estocagem. Houveram outras mudanças porem após a venda do frigorifico Bertin para a JBS, ocorrendo uma mecanização do trabalho manual.

6. Qual a quantidade de bovinos que era abatida antes da reforma da unidade?

Ana Lúcia: Era na faixa de 1.300, 1.400 cabeças por dia, chegamos a abater até 1.500 cabeças por dia mais ai se sofria algum problema por falta de câmara, foi aonde determinou-se que faríamos a ampliação.

7. Entre as unidades da divisão de carnes qual é a mais produtiva e lucrativa para o Grupo Bertin? Como se classifica a unidade de Mozarlândia?

Ana Lúcia: Em lucratividade a Bertin Mozarlândia ela nunca perdeu para as demais unidades. Sempre foi uma das primeiras. Se não foi a primeira foi a segunda, mais ela nunca perdeu em lucratividade. As três principais unidades do grupo, mesmo enfocando em todas, são as de Mozarlândia, Ituiutaba e de Naviraí.

8. Em relação às tecnologias e modernizações em processos de fabricação a unidade de Mozarlândia está bem amparada? E se comparada às demais unidades do grupo?

Ana Lúcia: A Bertin Mozarlândia tem total estrutura para atender a todos os mercados.

9. Comparando a unidade de Mozarlândia com os demais frigoríficos brasileiros como você a posiciona?

Ana Lúcia: Para mim fica complicado responder, pois não conheço outro frigorífico. Às vezes você vê na gôndola de um supermercado, carnes de outros concorrentes, às vezes você compra para ver a qualidade. Mais conhecer o processo, conhecer a estrutura, como funciona, eu sei falar da nossa que é muito boa, que investe muito na qualidade do produto para que o consumidor final tenha um produto de excelência qualidade. Agora quanto aos demais não posso comentar, pois não conheço o processo. Falo isso para você como consumidora.

10. Cite alguns exemplos de modernidade, inovações tecnológicas, serviços e outros diferenciais que a Bertin possui que a posiciona no mercado consumidor nacional e internacional?

Ana Lúcia: Pode ser que hoje não se tenha tanta visão a pessoa que pegar um coxão mole de um açougue e ver a diferença do coxão mole feito em nossa planta. Mais se você for pegar e analisar você vai ver que a diferença é muita, que a qualidade é muita. Então o cliente que estiver preocupado com a qualidade do produto que ele esta comprando, independentemente do preço, por que para tudo isso tem um preço, ele vai voltar a comprar da gente. E nisso o Bertin investiu e investe, para que se for preciso comprar uma maquina que refile melhor tal peça, por exemplo, ele vai compra aquela maquina para refilar a peça.

11. Qual a quantidade diária de bovinos abatida antes da venda do Bertin unidade de Mozarlândia ao JBS?

Ana Lúcia: Após a reforma 2000 cabeças. Na época da venda 2550.

12. Quais os locais de origem dos animais que são abatidos na unidade?

Ana Lúcia: São de Goiás mesmo. De municípios vizinhos como Aruanã, Mara Rosa, Nova Crixás, Crixás, Morrinhos entre outros, recebemos gado de praticamente de todos os municípios em um raio de 300 km em volta do frigorífico, o conveniente para o frigorífico é que quanto mais perto melhor.

13. Quanto à tipificação, os bois do confinamento que são destinados à exportação?

Ana Lúcia: Os bois do confinamento sempre são bois bons. A respeito dele ser ou não direcionado para o mercado externo isso vai da habilitação da fazenda. Não é qualquer boi que eu posso comprar e habilitar para os Estados Unidos ou para a União Europeia (U.E). Se a fazenda não for habilitada pelo SIPAG (Serviço de Inspeção de Produtos Agropecuários), por Brasília para U.E, ou seja, o sistema que a fazenda utiliza, o gado vai vir para mim para ser abatido como um gado comum, para lista geral que pode ir para qualquer mercado. Enquanto que se na fazenda houver a auditoria e eles conseguirem a certificação eles mandam ele para mim como um gado para U.E, dessa forma podemos mandar ele para onde quisermos.

14. O confinamento é do Grupo Bertin?

Ana Lúcia: Os donos são os mesmos, porém temos duas empresas distintas a Bertin S. A e a Comapi.

15. O frigorífico emprega pessoas de quantas cidades diferentes? Quais são elas?

Ana Lúcia: De três cidades. Nova Crixás, Araguapaz e Mozarlândia. Ou seja, duas além do nosso município.

16. Qual a importância econômica do frigorífico Bertin para o município de Mozarlândia?

Ana Lúcia: Quando eu vim para aqui, já estava construindo o frigorífico, a cidade já estava movimentada, mais o pessoal que estava aqui antes da construção do frigorífico estava vendendo casas, um pedaço de chão que tinha para poder ir embora daqui, por que já não possuíam mais expectativas.

Quem era criador de gado geralmente morava em Goiana, vinha para aqui de vez em quando, para ver o gado e voltava para Goiana. Os que moravam na cidade já não tinham mais opções.

Hoje graças ao frigorífico temos um leque, uma abertura maior, precisou de mais gente para trabalhar em hospital, em secretarias de fazenda, em agência rural. Costumo dizer que para cada emprego fixo do frigorífico são gerados automaticamente três a mais na sociedade, isso por que vai se computar o transporte do gado que não tinha, e passou a ter transportadora, pessoas que estão lá no banco, às vezes o banco nem existia na

época, e veio para aqui, você vai computar o supermercado, a farmácia, a medicina que ampliou, enfim tudo. Então dessa forma costumamos dizer que para cada emprego fixo hoje, se tem a contrapartida de três pessoas por trás de cada um. Sé hoje o frigorífico tem 2244 empregados aqui, com certeza lá fora você vai ter basicamente, vamos colocar por baixa, 6000 empregados.

17. Quanto por cento da carne bovina industrializada na unidade de Mozarlândia permanece para mercado interno e quanto por cento é destinada ao mercado externo? Para quais países essa carne vai?

Ana Lúcia: Hoje a venda para o mercado externo esta um pouco mais complicada devido à crise, devido ao dólar, mais ela deve girar hoje em torno de 30% para exportação e 70% para dentro do mercado interno. Quanto aos países para os quais exportamos hoje eles são 111 países habilitados para exportação, não sei te falar de cor e salteado todos, mais hoje exportamos muito para Líbano, pra Irã, pra Hong Kong, pra Rússia, pra Suécia, Ucrânia, sem falar para o Chile. Para a União Européia quase todos os países, basicamente as exportações de nossa unidade estão focada para isso ai.

18. Em seus processos de fabricação a unidade de Mozarlândia atua levando em conta as exigências de preservação ambiental?

Ana Lúcia: É a nossa maior preocupação. Inclusive se você for dar uma olhada, você vai ver que estamos construindo uma nova ETE, que é uma Estação de Tratamento de Efluentes, que é o que impacta muito dentro da questão ambiental, a gente preocupa muito com essa parte, ta tendo sempre um pessoal lá fiscalizando, e outro se o frigorífico tiver em algum momento agredindo a natureza nos não temos a licença de funcionamento que é expedida pelo órgão ambiental, e a nossa toda a vez é renovada, a gente passou por vistorias, por vários critérios, são tiradas varias análises, então a gente tem a pessoa que cuida dessa parte para que não venha a cair por terra, por que a gente sabe que a gente utiliza de recursos naturais e que um dia esses podem acabar, estamos fazendo um trabalho para que isso não aconteça, para que isso volte. Tanto é que temos uma fazenda rendada de 346 hectares toda plantada de eucalipto, quer dizer, se a gente usa uma lenha nativa em contra partida você esta plantando o eucalipto para não ter nenhum problema. Compra-se a linha, mais tudo documentado, tudo com licença, tudo emitido pelo DOF (Documento de Origem Florestal), pelo IBAMA (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis), então essa parte ambiental, eu

particularmente, minha pessoa, eu não aceito nada irregular, acho que toda a empresa tem que olhar para o meio ambiente.

Roteiro de Entrevista 02:

Entrevistado: **Liciomar Fernandes da Silva** - Juiz da Comarca de Mozarlândia

Data da Realização da Entrevista: Junho de 2013.

1. Fale um pouco da cidade de Mozarlândia como ela era antes da implantação do frigorífico Bertin?

Liciomar: Eu vejo a cidade de Mozarlândia de uma forma física precisando de diretrizes urbanísticas, observamos bairros ainda sem estrutura de asfalto, de iluminação, de redes de esgoto, ou seja, urbanisticamente da para dizer que falta algumas coisas. Podemos dizer que temos um lindo lago, mas esta abandonado, quer dizer falta alguma coisa, de forma, por eu ter passado por varias cidades, posso dizer que a cidade de Mozarlândia é uma cidade encantadora as pessoas que aqui vivem sempre recebem bem os imigrantes, quem vem para a cidade, mais existem os problemas sociais que devem ser resolvidos, agora não é uma só pessoa que vai resolver esse problema, não é o prefeito sozinho, não é o juiz, não é o promotor ou o comandante da policia, isso depende de toda a coletividade.

2. Economicamente como você vê o município de Mozarlândia?

Liciomar: Mozarlândia tem um grande potencial econômico, até mesmo por existir uma indústria, o frigorífico Bertin aqui instalado, indústria essa que trouxe um aspecto financeiro muito positivo para esse município, que é o avanço econômico. Podemos ver ainda que o comercio fortaleceu devido a indústria que aqui se instalou, podemos observar vários confinamentos que também são consequências da implantação do frigorífico Bertin na região. Financeiramente é um município de grande potencial e podemos observar que muitos outros municípios são sustentados pela economia desse município.

3. Em sua opinião tem algum ponto negativo ou desfavorável que o frigorífico Bertin trouxe para o município de Mozarlândia? Caso sim aponte as positivas e as negativas.

Liciomar: Eu não diria pontos negativos, mais sim pontos factuais que ocorrem em todo o município quando chega uma indústria, como eu disse a indústria trás os seus avanços econômicos, trás as suas benesses econômicas mas também trazem problemas sociais, nos podemos observar que é crescente nas regiões onde se encontram indústrias, principalmente indústrias no nível da que foi implantada em Mozarlândia, por que esse tipo de indústria a gente observa que ela exige de um certo pessoal uma mão de obra qualificada, mas são poucos os cargos que exigem essa mão-de-obra qualificada, conseqüentemente exige da maioria de seus trabalhadores uma mão-de-obra não muito qualificada, e com isso faz com que venha pessoas do Brasil inteiro em busca de emprego, ainda mais hoje que em nosso país existe um situação caótica de trabalhadores e de trabalho, na realidade não é que se falta trabalho, existe muito trabalho, mais os trabalhos que existem as vezes exigem mão-de-obra qualificada. Portanto quando de abre frentes de trabalho para mão de obra não muito qualificada, como podemos dizer, acaba vindo gente do país inteiro em busca dessas vagas, e é o que ocorre aqui no Bertin, na região, isso não só na indústria, mais como também nos confinamentos, por que subsistem dessa indústria pede-se uma mão-de-obra não muito qualificada: uma mão-de-obra mais braçal, com isso a gente observa uma cultura as vezes não muito elevada, e conseqüentemente trás alguns problemas sociais.

Nos observamos hoje aqui no município o crescente aumento dos usuários de drogas, a gente sabe que onde existem usuários de drogas existem também os traficantes, eu tenho uma concepção que o traficante só existe, onde existe um mercado para ele, a procura do produto deles. Então se hoje o nosso município possui usuários de drogas, são os usuários que trazem esses traficantes para a região. Então isso é um problema social que temos.

Outro problema social é que às vezes as pessoas que vem para aqui trabalharem elas acabam vindo para sozinhas sem famílias, e conseqüentemente isso tem feito com que a rede de prostituição também aumente no nosso município.

Observamos que com isso outros problemas sociais, igual saúde e educação acabam inchando o município, há a necessidade de mais vagas nas escolas, o município tem que ter uma estrutura melhor de saúde, ou seja, contratando mais profissionais da saúde, adquirindo melhores equipamentos, colocando os centros de saúde a disposição dessa coletividade e com isso.

Sei que o frigorífico Bertin trás muitas benesses automaticamente, mais em contra partida exige também do poder do Estado, do poder do município, uma contra partida maior em prestação de serviços para essas pessoas que aqui se instalaram.

A demanda das pessoas que aqui se instalaram foi muito grande, de certa forma o município inchou, no decorrer de poucos anos, desde a instalação do frigorífico, observamos que houve apenas duas administrações municipais, mais acredito que a administração municipal tem condições de atender o município, mas juntamente com a coletividade, com o administrador particular que também tem que participar. Não basta o prefeito, a câmara de vereadores querer prestar melhores serviços para Mozarlândia, há a necessidade de uma coletividade, de uma interação com a administração municipal. Em coletividade todos esses pontos podem ser melhorados.

4. Em sua opinião quais são as vantagens de morar e trabalhar em Mozarlândia?

Liciomar: Eu posso dizer por mim, que a vantagem de estar aqui trabalhando, primeiro por ter um designo na vida, para mim é muito gostoso está trabalhando nessa cidade, existem pessoas imbuídas de boa vontade, é muito bom você ver seu trabalho surtir efeito. Agora existem as desvantagens, sim existem as desvantagens, exatamente por alguns problemas sociais alavancados por consequência de causas que talvez entre uma delas a implantação da indústria, a falta de melhores escolas na nossa cidade. Eu sempre digo que temos todos que unidos lutarmos para trazer as faculdades presenciais para essa cidade. Se nos implantássemos aqui faculdades nos teríamos mais pessoas trabalhando aqui, mais pessoas não necessitando de sair desse município, observamos hoje que mesmo com a presença de uma indústria aqui, nos observamos que o mercado de trabalho está saturado para algumas pessoas, em contra partida observamos que se implantarmos faculdades nossos jovens não saíram daqui, fazendo sua faculdade vivendo perto de sua família. Então eu vejo que hoje, as vantagens de você morar na cidade de Mozarlândia é ainda devido a questão de ser uma cidade pequena e de certa forma ter um comércio abundante, ter restaurantes, ter condições de você se alimentar, em contra partida o que eu vejo com desvantagem é a falta de ensino melhor mais apurado, de um sistema de educação melhor, seja no grau de um ensino fundamental, de um ensino médio ou na ausência de uma faculdade. Então o que é necessário fazer: implantar melhor uma prestação de educação de qualidade, e implantarmos aqui faculdades para que os jovens não saíssem daqui.

5. Faça um comentário a respeito do crescimento populacional de Mozarlândia, da vinda constante de imigrantes para a cidade. Quais as consequências do aumento populacional no seu ponto de vista?

Liciomar: Já disse anteriormente a questão que envolve as drogas e a prostituição, o inchaço das escolas, que não possuem estrutura para atender esse contingente de pessoas. Podemos observar que existem problemas na saúde, e eu não poderia aqui deixar de dizer que no meu caso pessoal, por exemplo, a comarca de Mozarlândia, que hoje é de nível inicial, mais ela contém mais processos do que muitas comarcas de nível intermediário, ou seja, esse crescimento populacional trouxe reflexo também no poder judiciário local, hoje nos temos uma estrutura caótica em relação à demanda de jurisdicionados. Necessitaríamos de pelo menos mais dez servidores para atender corretamente a população, mas isso acaba sendo inviável pelos gastos.

Além do judiciário, eu poderia dizer que com a demanda não só do crescimento físico ou populacional, nos observamos que houve também, passou a existir maiores contendas de comerciais, e quando existe uma contenda de comercial existem contratos. Por exemplo, quando se entra em um supermercado, estou eu ali realizando um contrato de compra e venda. Como houve um crescimento do comércio, houve um crescimento das contendas em parte. Tudo isso foi advindo de um crescimento populacional, de uma quantidade de pessoas que correram para o município em busca de empregos, de condições e também em busca de um crescimento econômico.

6. Você acredita que a vinda do frigorífico Bertin para o município causou algum impacto ambiental?

Liciomar: Com certeza trouxe um impacto ambiental, por que o que observamos, essa indústria alimenta outras cadeias que necessita dela para sobreviver e o frigorífico também necessita dessa outra cadeia. A partir do momento que se instala uma indústria frigorífica em uma região ela precisa de gado para abater, e esse gado precisa de pasto para comer, e esse pasto ao avançar nossas planícies acaba por derrubar árvores, sendo assim provoca o desmatamento, já por sua vez o desmatamento pode ser ordenado ou desordenado. e como a gente observa que não existe uma fiscalização em nosso município, não aqui mais em quase todos os municípios do país, eles começam um desmatamento desordenado e com isso afeta nossa fauna e nossa flora, ou seja, são animais que morrem, são árvores que morrem e que jamais voltaram a sua existência como era antes. Agora o que nos observamos nesse caso é um avanço da economia sobre nosso território, e uma diminuição do meio ambiente. Portanto, trás consequência? Trás consequência com certeza. Consequências essas que serão amenizadas? Não, não serão. Mas essas consequências são aceitáveis em nosso meio? Parece que de certa forma o cidadão, o ser humano conforma com essa situação, ou seja,

se existem bocas para serem alimentadas, tem que se buscar alimentos, temos que trabalhar mais, e a medida que buscamos alimentos e que trabalhamos mais, nos em boa parte das vezes degradamos o meio ambiente, isso é um ponto de reflexão para nós.

Posso dizer a você que não tenho a resposta de forma genérica, posso dizer de que cada vez mais estamos destruindo a natureza, destruído nosso planeta para que no final de repente todos nos passássemos fome. Penso que devemos ter consciência da expansão ordenada e não desordenada.

7. Quais suas perspectivas para o município de Mozarlândia nos próximos anos?

Liciomar: Sou um cidadão que tem visão positiva. A minha perspectiva é que trabalhemos a educação desse município, a partir do momento que começarmos a trabalhar a educação do município colheremos bons frutos, teremos mais pessoas conscientes, pessoas conscientes que buscam seus direitos e segurança, pessoas que buscam seus direitos eles sabem o que exigir, e exigem candidatos melhores, prefeitos melhores, legisladores melhores. E se nos temos administradores melhores, legisladores melhores, com toda a certeza teremos um município mais atuante, um município melhor de se viver, com perspectivas de vida melhor. Implantemos e agenciemos um setor de educação melhor para esse município, por que será somente através da educação que poderemos atingir o objetivo de ver o município em seu mais alto grau de expansão de forma como eu sempre digo não basta desenvolver economicamente e urbanisticamente mais tem que principalmente crescer humanamente. Portanto se crescermos humanisticamente, ou seja, de uma forma educada nos conseguiremos atingir qualquer objetivo de forma econômica, social e urbanístico e principalmente ambiental.

Roteiro de entrevista 03:

Entrevistado: **João Batista de Souza** ó Contador, Advogado, referência política e morador do município de Mozarlândia.

Data da Realização da Entrevista: Setembro de 2013.

1. Fale um pouco da cidade de Mozarlândia como ela era antes da implantação do frigorífico Bertin?

João Batista: Mozarlândia antes do frigorífico Bertin se resumia em uma cidade de pequeno porte e que tinha sua economia voltada para a pecuária, somente cria e engorda de gado, com um pequeno índice na questão agrícola, no plantio, e também de verbas publicas que era a questão de recursos do município e do Estado, dos empregos que existiam no município. Portanto Mozarlândia se restringia a uma economia muito pequena fechada, de horizontes também muito pequenos em questão de desenvolvimento econômico. Não existia o que hoje existe, essa expansão não só do capital econômico e também das funções econômicas que geram renda, mais atividades econômicas no município, maior território do município, questões de imigração para o município que aumento bastante. Hoje nos temos ai um impacto populacional também devido a instalação do frigorífico Bertin.

2. Em seu ponto de vista, o frigorífico Bertin trouxe modificações para a cidade de Mozarlândia? Caso sim aponte as positivas e as negativas.

João Batista: O frigorífico sem duvida trouxe vários benefícios para o município de Mozarlândia, mas sem duvida trouxe também os malefícios. Os benefícios qualifico eles como sendo de maior importância, claro que melhorou Mozarlândia, mas também teve algumas coisas que o frigorífico contribuiu para existência em Mozarlândia e coisas que piorou. Eu não quero aqui ser contra o frigorífico de Mozarlândia mais eu digo aqui que melhorou mais do que piorou então para a questão econômica do município, ele desenvolveu bastante a economia, questão social também, gerou emprego, melhores condições de vida para o cidadão contribuiu para o aumento da cidade. Então os benefícios são esses: aumentou a economia do município, gerou emprego, trouxe uma valorização dos imóveis que aqui tinha, trouxe também uma qualificação da mão de obra que aqui não existia, era muito pouca e serviu também de influencia, hoje nos temos ai o Siretan pólo, hoje temos faculdades on-line, cursos que são administrados a distância, via internet, de nível superior, nos temos telefonia celular que em Mozarlândia alcança mais prestadoras de serviço celular do que em outros municípios devido o frigorífico, temos também hoje um aeroporto pavimentado, antes nos não tínhamos, temos uma segurança melhor em relação às cidades circunvizinhas, então ele trouxe uma perspectiva de melhora tanto no aspecto econômico quanto social.

Agora tem os malefícios. Em exemplo com o impacto populacional trouxe uma dificuldade muito grande financeiramente para o município, o orçamento do município não da conta de arca com o impacto populacional que houve. Nos temos uma aumento populacional de mais de 2000 pessoas, pode-se chegar até 3000 pessoas, e com isso

houve uma demanda maior em questão de saúde, o hospital não tem condições de atender, a demanda é maior do que o que estava preparado, com isso tem que se arcar com o dinheiro público, com o recurso público pois o frigorífico não se responsabiliza por isso. Houve também uma demanda muito grande na questão de segurança, os roubos aumentaram nas residências, nas fazendas. A marginalização, a questão de drogas proliferou muito, então com isso quem tem que arcar com a demanda de trazer soluções para isso é o dinheiro público, e o frigorífico não contribui com isso nos temos aí a questão da especulação imobiliária, o aluguel aumentou muito em Mozarlândia devido o grande número de pessoas que vem trabalhar no município, dessa forma qualquer casa, kit net, ou residência o preço fica enormes, pudesse comparar isso observando as cidades circunvizinhas se comparando com Mozarlândia. Quem vai arcar com isso é a população por que o frigorífico não contribui com uma renda de moradia para seu funcionário. Então o frigorífico ele trouxe algumas interferências que criou um impacto financeiro, aumentou a despesa e de emergência algo que não tem como esperar, o governo municipal tem que se virar e achar soluções para os problemas que o frigorífico trouxe. Agora isso é normal todo o desenvolvimento trás esses problemas, então o que nos temos que fazer é criar políticas públicas que tragam soluções para isso. É muito melhor nos termos esses problemas com o aumento da nossa economia com a projeção de uma cidade melhor com mais perspectivas de vida e regular esses problemas que trouxe do que ficar sem: é o preso do progresso.

3. Em sua opinião quais são as vantagens de morar e trabalhar em Mozarlândia?

João Batista: As vantagens de se trabalhar no interior, como Mozarlândia, é que você tem uma vida mais segura e também próxima aos seus parentes, e livre de muita poluição que há nos outros centros, nos grandes centros. Mas existe ainda uma dificuldade muito grande em questão de você estar trabalhando no interior, em Mozarlândia, questão como as questões de conhecimento, de formação técnica, da faculdade, do desenvolvimento e da aprimoração da capacidade do trabalhador, de estar investindo em sua posição e daí por diante. Mais as vantagens são essas eu acredito que se resume nisso, na questão familiar e de estar no interior onde a qualidade de vida é melhor nesse sentido de menos poluição social e ambiental.

4. Faça um comentário a respeito do crescimento populacional de Mozarlândia? Quais as consequências do aumento populacional no seu ponto de vista?

João Batista: Como eu havia já dito houve ai um crescimento devido esse impacto populacional que a gente tem certeza que foi em função do frigorífico, e esse impacto populacional provocou tudo isso que estamos discutindo, ele trouxe um desequilíbrio no orçamento público, na questão de saúde, a demanda de saúde aumentou muito, a de segurança, a de moradia, e assim de toda a infraestrutura básica do município na questão social e com isso sofreu muito os munícipes, ou seja, a população, a administração ficou muito a desejar, buscando recursos com o governo estadual, ao governo da união ou federal, para poder estar amparando e atendendo essa demanda que foi aumentada, mais ainda existe uma grande demanda na questão de segurança, na questão de saúde, nós não temos leitos, nós não temos médicos qualificados, nós não temos condições de dar uma saúde adequada devido a infraestrutura presente a demanda que reside em Mozarlândia. A segurança da mesma forma, moradia também, tanto é que o preço elevado da moradia em Mozarlândia configura isso, a procura é muito grande e acaba por vir a especulação.

5. Você acredita que a vinda do frigorífico Bertin para o município causou algum impacto ambiental?

João Batista: Com certeza. A gente é conhecedor e eu acredito que uma empresa do porte da JBS (BERTIN), não somente em Mozarlândia mais como em outros municípios onde se venha instalar ela tem a tendência de atingir sua estrutura, as necessidades à interferir no desenvolvimento do município, e ai sim há uma mudança na paisagem cultural, algo que é atingido através do homem a exigência que a empresa do porte como é a Bertin exige é acaba alterando e criando impacto ambiental, exemplo disso é o mal cheiro nos setores próximos ao Bertin, como o Nova Mozarlândia, o Jaçanã, o Boa Vista e o Sol Nascente que passam por esse sofrimento: o mal cheiro que exala daquela indústria, também até o centro aqui, tem dias que é atingido pelo mal cheiro.

Temos também a questão da economia voltada mais ainda para a questão da pecuária, pois o frigorífico mantém-se do gado, das exportações de carne, então cria-se um economia voltada para esse sentido, o produtor, o agricultor, o produtor rural acaba investindo nessa área, mesmo estando nos em uma área voltada para essa economia com o incentivo de estar vendendo os bois para o frigorífico acaba investindo mais ainda, e ai acaba gerando desmatamento, reforma do solo, acaba não tendo uma proteção adequada para os mananciais, e ai vem essa poluição também, esse enfraquecimento da natureza, de um ciclo ambiental em si.

Também tem a questão ambiental social do trabalhador, a gente vê aí o trabalho forçado, em um sentido de levantar de madrugada, cumprir carga completa e até extra quando necessário e um salário a desejar, uma ausência de sindicato para as questões de direitos. Nos temos também uma observação quanto a esses funcionários: um período de trabalho com um período de descanso muito pequeno, reclamações de direitos trabalhistas, tudo isso é questão ambiental social.

Fora os outros impactos que se gera em torno disso, eles usam para poder toca a caldeira em vez de gás que teria um custo maior, eles preferem o uso da madeira e aí nesse sentido vai o cerrado, a gente ver caminhões e caminhões de madeira, de árvores cortadas chegando ali, nos sabemos que o IBAMA tem uma fiscalização medíocre, muito fraca em questão a observar que se essas árvores estavam em pé ou caídas, que a regra diz que tem que ser as que estão caídas, mas a gente tem certeza olhando madeira você percebe que ainda está verde, recém cortadas, então nos estamos vendo o cerrado indo para os cofres de empresas particulares e essa preocupação, essa política ambiental acaba não prevalecendo na empresa particular.

6. Quais suas perspectivas para o município de Mozarlândia nos próximos anos?

João Batista: Nossas perspectivas sempre são as melhores possíveis, só que a gente sabe as dificuldades que existem, perspectivas até um pouco frustrante, por que você tente a querer um resultado confiante, um resultado melhor para o município mais acaba vendo a dificuldade que tem quanto à própria ausência de iniciativa da administração e da sociedade. Mas as perspectivas nossas continuam boas, eu acredito que devido as essas exposições de motivos que vêm trazendo danos a questão ambiental e a necessidade de trazeremos uma economia melhor para o município ser discutida principalmente em trabalhos como esses que vocês estão fazendo, buscar um interagir com a sociedade, mostrar os pro e contra de um desenvolvimento meio voltado a todos os setores que são necessários para o município, um desenvolvimento sustentável do município, mas com apoio das autoridades e da sociedade. Então eu acredito que futuramente a gente possa estar aí caminhando para um desenvolvimento sustentável muito distante, é algo muito distante mais eu acredito ainda numa perceptiva assim. Agora quanto a questão econômica, na economia do município eu acho que a tendência é melhorar, é aumentar cada vez mais só que de forma neutra eu não concordo com esse desenvolvimento só econômico acho que tem que ter um desenvolvimento em todas as áreas: econômico, social, e daí por diante, o meio ambiente, incluído nesse desenvolvimento também a questão da saúde, moradia, educação ambiental, e daí por

diante, não adiante desenvolve só economicamente, e para isso nos precisamos nos qualificar, qualificar a sociedade, instruir a sociedade e participar socialmente, e principalmente as sociedades, precisamos ter alguém ai no comando que tenha interesse e possibilidade de estar influenciando a sociedade a participar dessas discussões e desse futuro ai que pertence a nós.

Roteiro de Entrevista 04:

Entrevistada: **Carmen Silma Moreira** ó Psicóloga e Moradora da cidade de Mozarlândia.

Data da Realização da Entrevista: Setembro de 2013.

1. Como era o município de Mozarlândia antes da vinda do frigorífico?

Carmen Silma: Era uma cidade tipicamente interiorana, apesar de que ainda hoje ela é só que com aspecto diferenciado, onde a gente conhecia toda a população, onde a gente sentia mais segurança, onde todo mundo era amigo, onde todo mundo era vizinho, e hoje essa dimensão eu vejo como transformada, a gente não conhece todas as pessoas, todos os dias tem gente nova na cidade, as pessoas estão sempre indo e vindo, a cidade cresceu muito, muitos setores novos foram abertos em Mozarlândia. O progresso tem seus benefícios mais tem seus preços, a gente ver a questão da violência do menor abandonado, do pedinte de rua, apesar de não ser tão gritante quanto é nas grandes cidades, a gente já ver isso que antes não tinha. O abandono infantil, jovens e crianças infratores que era algo que realmente não se ouvia falar, e que hoje já ouvimos falar. Pelo fato de ver muito essa realidade no meu dia-a-dia, e algo que vejo que pesa muito em nossa sociedade.

Além do aspecto econômico que ampliou. Hoje Mozarlândia gera mais dinheiro, o poder aquisitivo da população não é dos melhores, mas em relação ao de antes é bem melhor. E eu vejo que apesar de todo esse progresso devido o frigorífico ser um empresa de nível internacional, mas nossa população ainda continua pobre, sem muitas expectativas de crescimento local, pois tem que sair para estudar, tem que sair para uma profissionalização. Sendo assim a cidade õcresceu mais não cresceuõ em alguns aspectos sim, mas em outros eu acho que ainda falta muito.

2. Em sua opinião, quais seriam os benefícios e malefícios que o frigorífico Bertin proporcionou à Mozarlândia?

Carmen Silma: Realmente o frigorífico como a maioria das pessoas não se da conta tem os dois lados, tem os benefícios e um lado que não é tão benéfico também. A questão do benefício é que eu penso que se Mozarlândia não tivesse uma empresa que injeta-se na área econômica, talvez hoje ela seria como uma daquelas cidades de faroeste abandonadas, por que aqui não tinha nada que gerasse emprego, os comércios eram pequenos, muito pequenos, e hoje a gente vê que isso ampliou. O frigorífico gerou emprego, é o que mais gera emprego no município, alias na região, e essa geração de emprego também aumentou nossa economia, fortaleceu o comércio, houve o surgimento de mais bancos, então eu vejo assim, ampliou muito: isso é benéfico. Hoje corre dinheiro, circula dinheiro na cidade e a gente tem como sobreviver melhor, com a economia sendo melhor, a qualidade de vida melhora sendo assim nesse sentido acho que é muito benéfico sim.

3. Você tem percebido algum crescimento econômico, devido à construção do frigorífico Bertin?

Carmen Silma: Com toda a certeza. Os nossos jovens não tinham trabalho, hoje tem trabalho, para mulheres para jovens, para pais de família, para os filhos. Há uma perspectiva de trabalho na cidade, no município em função do frigorífico Bertin tanto direto, quanto indiretamente, e isso significa investimento econômico, isso significa renda e claro que eu nunca perco de vista que tem um outro lado negativo por trás de tudo isso e eu como profissional atuante na área da psicologia eu vejo isso claramente a longo prazo eu vejo várias lacunas.

4. Quais as desvantagens ou malefícios provocados pelo frigorífico em Mozarlândia?

Carmen Silma: Toda a grande empresa, não é por que é o Bertin, não é por que é Mozarlândia mais sim em regra geral ela visa quase que exclusivamente a produção. Se você produz tá tudo ótimo, tá tudo bem. Agora se você não produz você não conta. Agora o frigorífico eu não conheço lá, não conheço sua realidade de perto, mas recebo pessoas vindas de lá sobre carregadas pela questão de carga horária, pela questão de estresse, me parece não haver uma preocupação com o funcionário no sentido de considerar o lado humano da pessoa. há a necessidade de remanejar de mudar de função devesse ter alguma alternativa para que essas pessoas continuem produzindo sem se prejudicar a longo prazo. Eu vejo pessoas com problemas psicológicos, eu vejo pessoas

com problemas físicos devido ao estresse do cargo e acidentes. Por outro lado não vejo a preocupação de ninguém para esta amenizando esses problemas. O nosso sistema é capitalista e como capitalista valoriza a produção acima de tudo. Eu não vejo que o frigorífico Bertin seja diferente nessa realidade infelizmente.

5. Você acredita que o frigorífico está cumprindo com a determinação das normas ambientais? Mozarlândia apresenta algum problema ambiental que tenha sido promovido pelo frigorífico? Caso sim quais?

Carmen Silma: Eu não sou conhecedora dessa área. Mas até onde percebo vejo que no ar há um mau cheiro, não sei até que ponto isso é normal, mais esse cheiro é muito forte. Vejo as nascentes de nossos córregos morrendo acabando, acho que em partes isso se deve ao Frigorífico Bertin, mas também a consciência da população, a falta de comprometimento desses dois lados para com o meio ambiente. Os cidadãos não têm consciência. Mas também vejo esses problemas naturais como descuido político, há a falta de comprometimento político. Há também o desmatamento das beiradas dos córregos enfim tudo isso contribui. Não posso dizer a você o quanto o frigorífico Bertin influencia ou não nesses problemas. Mas posso te dizer que vejo enorme quantidade de fumaça saindo das chaminés de lá, e sinto uma mau cheiro danado e não sei se é feita alguma coisa quanto a isso.

6. Tem acontecido alguma transformação social em Mozarlândia em decorrência da implantação do frigorífico?

Carmen Silma: Eu vejo que os jovens hoje tem o poder de compra um pouco maior, o jovem pode adquirir uma moto, pode adquirir bens de consumo, eu vejo que podem buscar mais em termos de conhecimento e isso é mudança social. Hoje nos temos em Mozarlândia um grande número de pessoas cursando cursos universitários, tecnólogos ou mesmo graduandos, e isso gera transformação social. Mas eu vejo, também um índice muito grande de prostituição que também e transformação social eu vejo um número muito grande de crianças e adolescentes envolvidas com drogas, e se não diretamente pelo menos indiretamente sabemos que ta tudo entrelaçado: é uma cadeia. Eu penso que deve-se somar os vários seguimentos da sociedade incluindo o Bertin para que haja uma ação social benéfica oferecendo para esses jovens oportunidade de lazer, de estudo, de crescimento, de esporte que isso vai afasta da prostituição e das drogas, e tendo um poder de consumo maior esse jovem poderia crescer muito e muitas vezes isso não acontece por falta de ações que vão dar um respaldo para isso. E as nossas famílias

também, não podemos jogar tudo na mão do poder público ou do Bertin, as nossas famílias são desestruturadas, a gente ver casos de famílias que não tem a menor estrutura, crianças abandonadas, crianças espancadas, abusos sexuais, existe muito no município e na região. Então isso tudo é mudança social, não digo que seja só em função do Bertin mais de um todo que também tem haver com o frigorífico.

Hoje no mundo capitalista que vivemos, e na globalização a gente vê a influencia de grandes empresas como o Bertin, mais a gente vê também a influencia da música, da mídia, a gente vê influencia até mesmo das varias religiões que estão surgindo, nunca se houve tantas religiões como hoje, o homem busca desesperadamente uma paz interior fora de si, quando a gente sabe que essa paz interior só é encontrada dentro de si mesmo, a própria falta de estrutura das famílias, por que muitas vezes o jovem nasce sendo educado por um quadradinho chamado TV, por que muitas vezes os pais estão em guerra ou estão ausentes e a baba que muitas vezes que educa as crianças ou é a rua ou é a TV. As nossas musicas não são boas, são pobres, esdrúxulas, são violentas, afloram uma sexualidade muito precoce, e o jovem e jogado nesse mundo de forma imatura, muitas vezes fora da hora e sem ter muito como lidar com isso e na maioria das vezes os país não estão preparados para ajudar, as escolas também não e não há uma ação comprometida em torno disso onde todo mundo busque a solução. Cada um acha que o problema é do outro e o problema ta ai e ninguém assume ele. E na verdade ele é de todo mundo, de todos nós.

7. Quais as perspectivas que você tem para o município de Mozarlândia nos próximos anos?

Carmen Silma: Para mim é um paradoxo, se acaba o Bertin eu acho que acaba Mozarlândia. Isso é inegável hoje, acho que todo o cidadão que tem um pouco de clareza sabe disso, o Bertin hoje não só mantém o município como também a região. Por um outro lado, eu vejo que vai ter grandes seqüelas na área da saúde da população. Tanto da saúde psicológica quanto da física. Então õse correr o bicho pega e se ficar o bicho comeõ. Mas eu penso que se aparecer por ai pessoas comprometidas com o lado humano, com o lado da pessoa enquanto gente, eu acho que isso pode ser contornável, há ações que podem contornar isso. E precisa trazer para Mozarlândia outras empresas. Talvez a questão que não veja esse lado social desabrochar e que existe só o Bertin. Não há uma concorrência, não há outros seguimentos de geração de emprego. Eu penso que atrasadamente, pois já deveria ter em Mozarlândia uma faculdade, uma universidade de extensão ou da UEG ou da UFG ou até mesmo que fosse particular e cursos

profissionalizantes, ações envolvendo os jovens na área da cultura, a gente acabou de ter agora mesmo a primeira Assembléia da Cultura do município, eu espero que isso dê frutos, e preciso que haja um comprometimento tanto da educação, quanto do poder publico, quanto da família, em gerar cultura para nossos jovens, teatro, música, danças, esportes, por que cultura faz a diferença nas transformações sociais é isso lamentavelmente não temos e é o que espero para os próximos anos.

Roteiro de Entrevista 04:

Entrevistada: **Maria Claudia Rego** ó Pedagoga, diretora do Colégio Estadual Costa e Silva, Moradora da cidade de Mozarlândia.

Data da Realização da Entrevista: Novembro de 2014.

1. Fale um pouco da cidade de Mozarlândia como ela era antes da implantação do frigorífico?

Maria Claudia: A cidade de Mozarlândia era uma pacata cidade interiorana, a economia girava em torno do comercio local e fazendas de criação de gado de corte. O trânsito era tranquilo, com poucos veículos, existiam poucos bairros, as casas eram simples e as demais construções também. Existiam seis escolas públicas e uma particular, um hospital particular e um público, era sede de comarca (mas sem prédio próprio). As pessoas deixavam as portas de suas casas destrancadas, os muros eram baixos, não se haviam cercas elétricas. Tinham muitas árvores, principalmente árvores frutíferas nos quintais. Quase não haviam igrejas evangélicas, postos de combustíveis, etc.

2. Economicamente como você vê o município de Mozarlândia?

Maria Claudia: A economia local gira em torno da agropecuária, comércio e dos empregos diretos e indiretos gerados pelo frigorífico. Os proprietários das fazendas (latifúndios) não moram no Município: em geral são paulistas. O que é produzido no frigorífico é exportado para o mercado nacional e internacional. E as riquezas geradas nas fazendas não eram investidas no município. Quem faz o comércio local prosperar são os trabalhadores residentes do município.

3. Em sua opinião tem algum ponto negativo ou desfavorável que o frigorífico trouxe para o município de Mozarlândia? Caso sim aponte as positivas e as negativas.

Maria Claudia: Pontos positivos: geração de empregos, modernização do comércio, melhoria e aumento das residências.

Pontos negativos: aumento da violência, aumento da violência, aumento populacional sem aumentar as melhorias sociais (saúde, educação, segurança, saneamento básico). Dependência econômica de uma única fonte de renda, ou seja, as demandas sociais não acompanhou o desenvolvimento econômico.

4. Tem acontecido alguma transformação social em Mozarlândia em decorrência da implantação do frigorífico?

Maria Claudia: Sim, são eles:

- Aumento de construções de residências e melhorias das que já existentes;
- Movimento migratório de pessoas oriundas de outros estados;
- Aumento da violência;
- Abertura de novos comércios;
- Construções de pequenas moradias para aluguéis (Kit net);
- Crescimento populacional.

5. Faça um comentário a respeito do crescimento populacional de Mozarlândia, da vinda constante de imigrantes para a cidade. Quais as consequências do aumento populacional no seu ponto de vista?

Maria Claudia: Houve o aumento populacional, mas não se construiu nenhuma escola ou faculdade. Não aumentou leitos no hospital público (o particular fechou), tinha apenas uma creche e continua, aumentou o número dos acidentes de trânsito, fundaram várias igrejas evangélicas. Surgimento de crimes pouco existentes (roubos, assaltos) e tráfico de drogas. Serviços básicos de energia, água, esgoto, asfalto, transporte, educação e outros, não aumentaram na mesma proporção da população.

6. Você acredita que a vinda do frigorífico para o município causou algum impacto ambiental?

Maria Claudia: Sim. Aumentou os desmatamentos em função da criação bovina, ou seja, para aumentar as pastagens. Poluição do ar e das águas pelos resíduos sólidos, líquidos e gasosos produzidos pela indústria frigorífica. Aumento da produção de lixo pela população. Escassez de água e não preservação das nascentes e mananciais.

7. Quais as perspectivas que você tem para o município de Mozarlândia nos próximos anos?

Maria Claudia: Crescimento dos problemas sociais, dependência econômica de uma única fonte de renda, problemas ambientais mais graves como secas. Mas também temos perspectivas da vinda de uma faculdade para evitar a saída dos jovens para os grandes centros urbanos. Que possam surgir outras fontes de renda e empregos para os habitantes. Implantação de um hospital regional, diversificando da cultura agrícola, que seja apenas pastagens. E um desenvolvimento voltado para o social e ambiental.

ANEXO C - Certificado ISO 9001:2000 de produção e comercialização de carne bovina do frigorífico Bertin.



Certificado BR08/3750

O sistema de gestão de

Bertin S/A – Unidade Mozarlândia

Rodovia GO 164, s/n - Km 167
Mozarlândia – GO – 76700-000 – BR



Foi auditado e certificado encontrando-se em conformidade com os requisitos da norma:

ISO 9001:2000

Para as seguintes atividades:

“Produção e comercialização de cortes / recorte, miúdos, congelados e resfriados, buchos congelados, tripas salgadas e subprodutos de bovinos (farinha de carne e ossos, farinha de sangue e sebo).”

Este certificado é válido de 28/03/2008 até 27/03/2011 e mantém-se válido sujeito à auditorias de acompanhamento satisfatórias.
Revisão 1. Certificado desde Março/2008

Aprovado por



Rosemary Vianna
Diretora

SGS ICS Certificadora Ltda.
Avenida das Nações Unidas, 11633 – 4º A CJ 41B
Brooklin - 04578-000 - São Paulo - SP - Brasil
Fone: 11-5501-4809 / Fax: 11-5501-4830
www.br.sgs.com



Gestão da Qualidade
NBR ISO 9001
OCS 0009

Accredited by Member of the International Accreditation Forum Multilateral Recognition Arrangement for Quality Management Systems

Página 1 de 1



SGSSGS



graphic design atelier roger phond printed by unil flexcell security printing hd centerland

ANEXO D - Entrevista realizada pelo Globo Rural com os gerentes do frigorífico Bertin de Mozarlândia-GO e do confinamento na Fazenda Planura de Aruanã-GO.



Confinamento em grande escala 12.02.2006

Nos últimos anos, a pecuária no Brasil passou por grandes mudanças. Uma delas foi o aumento do número de confinamentos de grande porte.

Nos últimos anos, a pecuária no Brasil passou por grandes mudanças. Uma delas foi o aumento do número de confinamentos de grande porte.

O **Globo Rural** visitou o maior do Brasil, no estado de Goiás. Elevador hidráulico, trabalhadores equipados, códigos de barra pra registro de dados, linha de produção controlada por computador. É um frigorífico de última geração, no município de Mozarlândia, noroeste de Goiás, região forte na pecuária. Apesar do volume de carne, de sangue, da quantidade de carcaças, tudo é limpo, asseado.

A indústria pertence a um dos maiores grupos de carne do Brasil e do mundo, empresa com sede em São Paulo e que nos últimos anos resolveu investir também em Goiás. O frigorífico começou a funcionar em 2000. O volume de abate é de 1.600 animais por dia. Além da carne, sai couro, sebo, farinha de ossos. Enfim, o boi serve de matéria-prima pra vários produtos. É a base dos negócios da empresa.

E o que fazer quando falta boi gordo? Entre maio e outubro chove pouco na região. O pasto fica fraco, o gado muitas vezes perde peso e os fazendeiros reduzem os rebanhos. Até há alguns anos, o período de seca era uma dor de cabeça pro gerente do frigorífico, Antônio Bocardi.

Globo Rural - Que tipo de problema já teve na fazenda?

“Chegou até a ter que dispensar o pessoal com férias coletivas numa determinada época do ano, de entressafra. Faltava boi, tinha que parar o frigorífico.”

Foi justamente para evitar prejuízo, que surgiu a idéia de um grande confinamento na região. Com ele, a empresa aumentaria a oferta de boi gordo na seca e garantiria o abastecimento do frigorífico.

O local escolhido foi um município vizinho, Aruanã, às margens do rio Araguaia, na divisa de Goiás com Mato Grosso. A fazenda Planura se espalha por três mil hectares e conta com uma estrutura que, com certeza, você vai gostar de conhecer.

A área de confinamento é tão grande, que olhando na altura do gado, a gente não consegue ver o fim. É só do alto, que se tem uma idéia, uma dimensão melhor das instalações. Os piquetes de engorda ocupam 90 hectares da fazenda e o confinamento tem capacidade pra terminar nada menos do que 100 mil animais por ano.

A primeira impressão não é a de uma fazenda, mas de uma fábrica, uma linha de produção. São dezenas de corredores e piquetes, 13 quilômetros de cochôs. Galpões, silos, caminhões e máquinas pra todo lado.

Logo na chegada, fomos recebidos pelo gerente geral do confinamento, Liro Pessoa. Num giro de

caminhonete começamos a entender o funcionamento do lugar. “Nós iniciamos a construção desse projeto em 2002. Iniciamos pelos piquetes. Aí vieram os barracões, as casas, o escritório e assim por diante. Não tem nada pequeno. O pequeno no meio da história sou eu.”

Globo Rural - Quanto é que custou uma estrutura desse tamanho?

“Vinte e cinco milhões de reais.”

Seu Liro explica que a fazenda só compra animais adultos na fase final da engorda. Cada lote fica uns três meses nos piquetes, depois vai pro abate. O confinamento só funciona durante oito meses do ano, justamente o período mais seco, com pouca chuva e pasto fraco na região. “No começo de abril isso aqui fica vazio, vai enchendo e já no final de julho está completo e já está saindo boi pro abate.”

Globo Rural - Vocês vão tirando animais até que período do ano?

“Dezembro. Aí fica vazio, fica um deserto.”

Com essa lógica de entrada e saída, o confinamento tem uma população flutuante. A lotação máxima é de 47 mil animais ao mesmo tempo. É graças ao rodízio nos piquetes que a quantidade enviada pro abate chega a 100 mil cabeças por ano. “Aumento do ganho de peso.”

O agrônomo Luís Venturi, um dos responsáveis pelo projeto do confinamento, explica que a área total foi dividida em 190 piquetes. Todos com piso de terra batida e cerca de arame liso. “Esses piquetes têm 70 metros de cocho e 50 de fundo, 250 cabeças em cada piquete. Toda madeira do confinamento é eucalipto, na divisa entre os piquetes são bebedores de alvenaria.”

Globo Rural - Como é eu vocês pensaram o cocho?

Para evitar sol forte, os piquetes têm uma área coberta com sombrite. Boa parte dos cochós é protegida por telhas de barro. “O conforto vai fazer com que esse animal consuma mais comida e é isso que a gente quer, porque ele vai ganhar mais peso. A gente tem também a preocupação de irrigar os piquetes. Essa irrigação funciona pra gente baixar a poeira, baixar temperatura e poeira. O esterco seco que fica, se o animal começa a andar, vai entrar pela narina dele e causa problema respiratório, leva a pneumonia e você pode perder animal por isso. A idéia da irrigação é baixar um pouco a temperatura e principalmente baixar a poeira.”

Será que um confinamento grande é bom negócio? Embora não revele os números, a fazenda reconhece que o quilo de carne produzido no local é mais caro do que o quilo produzido no pasto. “A gente trabalha a um custo de produção mais alto em função dessa estrutura, mas esse investimento se justifica porque ao longo de um período no confinamento, a gente produz quatro vezes mais carne por animal/dia. A gente consegue produzir muito mais arrobas no mesmo período. Então custou mais, mas você está produzindo muito mais. Tem o ganho de escala.”

No escritório, seu Liro faz um balanço do negócio.

Globo Rural - A empresa investiu R\$ 25 milhões pra montar essa estrutura. Em quanto tempo se paga este investimento?

“Nós esperamos que em seis anos nós conseguiremos pagar esse investimento. O confinamento dá lucro. Desde que ele seja muito bem administrado ele é um bom negócio.”

Não importa o tamanho. O projeto de 100 mil ou de 100 cabeças só pode dar certo com controle de custos, manejo cuidadoso, comida farta e barata. Dessa forma, os confinamentos que estão se multiplicando pelos campos brasileiros, se tornam um importante complemento para a criação a pasto. Um caminho para aumentar a oferta de boi gordo nos meses mais secos do ano.

O aumento dos confinamentos nos últimos anos também está ligado ao crescimento da agricultura. É o produto da lavoura que engorda o boi confinado.

Fonte: www.globo.com/globorural